

# **“CAUSOS” DA XVI TURMA”**

***CAMINHOS DA RELEMBRANÇA***

**FACULDADE DE  
MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO-USP**



***EDITORES***

***Carlos Henrique Falcão Tavares***

***Paulo Roberto Barbosa Évora***

## MENSAGEM

***Mafinha, Ludô , ... e todos os queridos colegas da XVI***

Vocês são demais.

Estive fora uns dias e começo a ler essas maravilhosas histórias (histórias !!!!!, não fatos !!!!, fatos também não, CAUSOS tão reais que se tornam totalmente verdadeiros), mesmo porque ninguém vai se lembrar direitinho como e com quem foi.

Só os envolvidos, e quem sabe muito mal (e ainda deve piorar).

Pô, eu nem pensei em me divertir com vocês tanto assim e me rejuvenescer a cada novo caso, ou apenas em pensar que todos estariam lendo e curtindo a mesma história.

Valeu Mafinha e todos que colaboraram. Mafinha, você é um grande contador de NOSSOS CAUSOS.

Scabello

## ÍNDICE

“PRIMÓRDIOS: NOSSAS ORIGENS, NOSSO COMEÇO...NOSSA FORMAÇÃO ...9	
OS APELIDOS .....	11
AS “GUERRAS D’ÁGUA” .....	17
A GUERRA D’ÁGUA CONTINUA .....	20
“DO INSÓLITO À LOUCURA” .....	23
“A MORTE DO COSTA E SILVA” .....	25
“FUTEBOLZINHO!!!” .....	27
ESTUDAR OU NÃO ESTUDAR.....	31
PORRES .....	36
GEGÊ, CLEBÃO E A BOMBA DE FARINHA...a VERDADE REVELADA.....	38
A VERDADE QUARENTA ANOS DEPOIS: SOBRE A EXISTÊNCIA DE UMA “CONFRARIA SEXUAL” E OUTRAS CONTROVÉRSIAS DA CASA DO ESTUDANTE.....	41
O SONO DO RICARDÃO.....	45
TURMA A vs TURMA B.....	46
FESTAS!!! E, festas... FESTAS!!! .....	48
“UM CAUSO PUXA OUTRO” .....	52
XVI – NOS ESPORTES...ESPÍRITO, LOCAIS E MODALIDADES .....	54
NA CAVA DO BOSQUE PALCO DOS JOGOS DE FUTEBOL DE SALÃO, BASQUETE E VÔLEI .....	55
UM CAUSO ESPORTIVO PESSOAL REGADO A ORGULHO E AUTOESTIMA....	57
OS APELIDOS “GENÉRICOS” .....	59
JULINHO VOLTARELLI “O DEFICIENTE...” .....	61
PERO... E LAS VIAS... .....	63
XVI – SOCIAIS I.....	65

<b>XVI Turma “REPÚBLICAS” .....</b>	<b>68</b>
<b>A DUPLA FACE DA REPÚBLICA DA SETE – “Um caso de polícia...” .....</b>	<b>70</b>
<b>CASA DO ESTUDANTE SEUS QUARTOS E OCUPANTES.....</b>	<b>72</b>
<b>A TRÍADE CLÍNICA DE BRIGUÉ. UMA PÉROLA DA FISIOPATOLOGIA.....</b>	<b>78</b>
<b>O GLORIOSO GORDINI DO BRIGUÉ... MOVIDO ATÉ A CERVEJA .....</b>	<b>79</b>
<b>ALGUMAS “VINHETAS” .....</b>	<b>81</b>
<b>PEDRO BALA E A MAÇANETA – UM CAUSO ESCATOLÓGICO VISTO DE FORA .....</b>	<b>87</b>
<b>PEDRO BALA E A MAÇANETA – UM CAUSO ESCATOLÓGICO VISTO DE DENTRO .....</b>	<b>90</b>
<b>PÉROLAS DO PLÁCIDO.....</b>	<b>92</b>
<b>CAUSOS” EXTRACURRICULARES DO BRIGUÉ .....</b>	<b>94</b>
<b>ALEX, O ANTENADO .....</b>	<b>96</b>
<b>VINHETAS 2 .....</b>	<b>97</b>
<b>VINHETAS 3 .....</b>	<b>100</b>
<b>UMA HOMENAGEM A LUCINHA RHESUS.....</b>	<b>104</b>

# **PREFÁCIO**

## **Caminhos da Relembração...um itinerário**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Caros leitores, particularmente colegas-amigos da XVIª.

Este livro nasceu de uma “tentativa de reparação” junto à turma. Talvez nem precisasse, mas EU precisava, pois faltei ao último encontro, dos 40 anos de formatura, e fiquei pensando tanto, e lembrando de tantos acontecimentos, que resolvi começar a escrever alguns causos, e enviar para algumas pessoas da turma, que de alguma forma me mais consolaram pela minha falta: Ludô, Scabello e Carminha. E essas pessoas foram me estimulando, e divulgando.

No começo, a cada caso uma cobrança, para que outros da turma se animassem a escrever outros causos... e quase nada. Depois apareceram algumas correções à minha memória- lembrança. Afinal, como diria Carmen Paula, que gosta muito e entende tanto de ficção, “em toda realidade mais crua, há uma ficção...nua; em toda ficção mais louca, há uma realidade...pouca”.

Mas as correções foram o início da participação de outros que escreverem alguns causos, começando por Ludô e Scabello, me chamando a atenção para minha explicação ao Bala do Pedro, que eu achava que tinha a ver com o Tanous, que me lembrava Taurus, uma marca de armas...balas...BALA! Viajei na maionese! Logo depois

Patrimônio, de quem não tinha notícia há muito tempo, o que me valeu descobrir uma nova faceta dele ...a Peralta!

Ah, e eu continuando a cobrar a participação de mais colegas-amigos! Cheguei até a rogar pelos causos do Brigué, que eram repetidos sempre, com muita graça, em todos nossos encontros! Cadê ?!?

E, de repente, me chega um compilado de quase 200 páginas, com causos deliciosos de se ler, bem-humorados a ponto de me fazerem rir, gargalhar, mostrando a graça, o bom humor da nossa turma, mesmo em situações nem tão engraçadas. E relembramos os causos do Brigué contados por ele e por seus escudeiros: Ludô e Pedro Bala; os mais curtos contados com imensa graça pelo Ludô; as intervenções do Patrimônio, trazendo novidades e novas versões; como diria Carminha, “Em toda realidade mais crua...”. E acompanhando, estimulando, pontuando, o Scabello. Dele, fico pensando que o tempo foi levando seus cabelos, como que lavando sua alma, deixando o essencial para conviver melhor com as pessoas...uma depuração.

Volto a falar de nossa turma XVI<sup>a</sup>, começando pelo nosso representante, Geraldo Paraventi, que mais que um representante de turma – da Turma, foi de cada um de nós. Pela diversidade, pela animação, dedicação. Mais pelo histrionismo, bom humor e corajosa espontaneidade. Quem não se via, ou se queria ver nele ?!?! Ainda, o coração amoroso, que o levava a aceitar opostos. Não é à toa que com todo seu histrionismo e quase hiperatividade, casou com Tânia, uma baiana da gema. E num de nossos encontros, nos aparece Papavento, com uma camisa cheia de detalhes tão espalhafatosos, que nem um Caetano nos tempos da Tropicália teria coragem de usar! Tivemos um ótimo representante.

Depois fui ver o que significava o XVI = 16, e como não entendo de numerologia, deixo pra algumas amigas da nossa turma que entendem mais que eu, como Ani, Soninha, Carminha, Lyioko etc. Animem-se e escrevam algo. Só sei que no Tarô o dezesseis representa a “Queda”, não apenas como fato e consequentes dores, mas principalmente como oportunidade de aprendizado de humildade, recuperação, autoconhecimento ...de resiliência. Daí fui ver com Ludô quem era o 16º da nossa turma, e não é que era eu! Daí percebi que nosso número estava bem representado. Uma pessoa que tem procurado aprender a cair, desde muito criança, seja dos muros da minha casa em Sampa, das bicicletas, ou de outros tantos meios menos físicos, sempre procurando aprender algo com cada queda. Assim como nossa turma, que teve muitas quedas desde o primeiro ano, mais intimamente como a perda de colegas pra Anatomia e Bioquímica, e depois no 3º ano, para a CB – Ciências Biológicas, e aprendemos a dar a volta por cima e melhorarmos nossas relações com os colegas que ganhamos nesses momentos. Outras, como a nossa Festa das Nações, que recuperamos na nossa inesquecível Festa de Formatura, na perda do nosso colega José Luís Borges de Freitas (Zelão), no último ano, que tornou tão difícil nos levantarmos e conseguirmos alegria para nossa festa, mas tivemos de seguir o exemplo dele, que era uma pessoa muito brincalhona.

E a cada encontro, novos colegas que se vão. Novas quedas. A XVI sabe cair e se levantar...longo aprendizado!

Sem contar com as mais “externas”, que vieram com a ditadura militar, e que muitos de nós souberam reagir de formas mais contundentes, ou de maneiras mais bem-humoradas, e tivemos representantes em todos os matizes. A queda do machismo, com a liberação feminina, com a qual até hoje estamos tentando lidar melhor, etc. etc..

Enfim, ainda temos muitos caminhos de lembranças, e ainda falta a fala das nossas colegas, que tem certamente muitos e interessantes causos para contar, muitas fotos que, quem sabe, não farão parte de uma nova edição, revista e ampliada.

Novos caminhos de lembranças...outros itinerários

Boa leitura. Felicidades.



## **“PRIMÓRDIOS: NOSSAS ORIGENS, NOSSO COMEÇO...NOSSA FORMAÇÃO**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Lembro-me que foi nas primeiras semanas do nosso Curso, a gente ainda se adaptando à Casa do Estudante... às “guerras d’água”, ao Restaurante e seus bifés “chapex”, que eu nunca consegui gostar...não por falta de tentativa das cozinheiras, pois eles assim eram quase todos os dias... nos adaptando à Ribeirão.

E, me vem à memória o Robertinho Naufel. Um autêntico e caricato mauricinho. Gordinho, de óculos finíssimos, gestos delicados, sempre bem vestido, enfim, uma mistura de filhinho da mamãe, que quase todos nós éramos, com filhinho de papai, que na Casa do Estudante, teoricamente, poucos deviam ser. Certamente ele deve ter melhorado, pois se até nós conseguimos! ...um pouco...

Bem, o Robertinho estava, por tudo isso, com muitas dificuldades, mais que a maioria, de se adaptar na Casa. Na época, e antes de chegarmos, havia o costume de quem chegava mais tarde da cidade, à noite, ser recepcionado com baldes ou bexigas de água na cabeça, como já contei, nas “guerras d’água”. Mas, com o Robertinho, resolveram radicalizar. Só com ele.

Daí, chegavam a fazer isso até quando ele voltava do almoço no Restaurante. Então, ele ficava mal, chegava até a chorar.

Uma vez ele chegou a negociar que daria uma caixa de doces, que tinha recebido da mãe, de São Paulo, em troca de não ser molhado pelo pessoal, e isso foi durante o dia. O pessoal aceitou, ele entregou a caixa pelo parapeito da varanda, e quando estava entrando...um imenso balde d'água!!! E o Robertinho chorando!!

Pois ele foi fazer a negociação justo com o “Vandola”, que apesar de ser um excelente chargista, e uma figura muito engraçada, tinha um traço, também nas charges, muito cruel.

N'outro dia o Robertinho tentou ser esperto, e quando vinha entrando, abriu um guarda-chuva, que ele usava para proteger a pele do sol escaldante de Ribeirão. Bem vinha ele, com uma segura imponência com sua proteção, não apenas solar, e quando chega nas escadarias de entrada da Casa recebe uma bexiga! Não uma bexiga comum, mas uma super bexiga d'água! Como se exclusivamente preparada para aquela situação ...que lhe amassa o guarda-chuva, derruba seus óculos, e pior, abre espaço a mais um inesquecível banho ...e mais um chororô!

Com todas essas, ou por todas essas, o Robertinho terminou indo pra São Paulo. Foi para a “Paulista”, atual UNIFESP.

Em seu lugar chega a Carmen Paula – Carminha, e eu, que após tantos anos de amizade, transformados em admiração, a conheço um pouco - pois afinal quem conhece bem uma mulher ?!?! -, juntando com o “jeitão” da nossa turma, digo tranquilamente que a troca valeu a pena.

Fui por muito tempo um de seus mais íntimos amigos, e posso dizer que é uma pessoa rara. A paciente determinação de um iogue, a sofisticada simplicidade de um bom artista, a coragem - bravura pacífica, de uma mãe com seu filho, a honestidade - ética de um franciscano, a fidelidade

“quase canina”, pois ela pensa...e como! Enfim uma pessoa, repito, rara. Daí, que pro “jeitão” da nossa turma, repito, a troca foi muito boa.

E por aí fomos nos formando...

## **OS APELIDOS**

### **Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Esperando que este causo, talvez mais que os outros, possa estimular nossos colegas amigos a escreverem algo, nem que seja para corrigir alguma falha, lembrar de algum que não me recordei, reviver alguma história da origem de algum, pois certamente não lembro da origem de todas as alcunhas, como por exemplo, de um famoso, o do Brigué, etc.... etc...

Já aproveito para pedir perdão se porventura magoar alguém, ou até a memória de alguém, pois esta não é minha intenção, e sim, recordarmos mais um pouco da nossa turma, da nossa época, em que apelidos eram colocados com e por várias motivações, às vezes até cruéis, mas sempre com um bom humor e com a finalidade de quebrarmos um pouco a solenidade, por vezes exagerada, da convivência humana.

Os apelidos, e vou deixar minha imaginação livre para falar algumas bobagens, são, como os nomes, uma forma de identificação. Há muitos Carlos por aí, Henriques também. Carlos Henriques, um pouco menos. Carlos Henrique Falcão, e mais Tavares, talvez nenhum outro, mas

quem vai me chamar de Carlos Henrique Falcão Tavares para me identificar? Daí, Máfia fica mais prático, e é o único da turma e da Faculdade. Então, apelido, que pode vir de apelar, chamar - clamar, é como lhe chamam, e às vezes, pode ser apelativamente noutra sentido, como veremos adiante. Também conhecido como cognome, nome com que identificamos uma pessoa, sem ser seu nome oficial, mas que, de alguma forma, e por algum motivo, alguém é identificado, de uma forma mais simples e direta.

Os motivos podem ser para tornar a pessoa mais próxima, como por exemplo, Geraldinho, como também era conhecido o Paraventi, cujo outro apelido era Papavento...uma corruptela, que às vezes facilita. Não posso esquecer do meu, que de Máfia, um quase temeroso apelido, virou Mafinha;

O diminutivo, além disso, pode ser demonstrativo, como por exemplo Carminha, ou Lyiokinho, que eram pequeninas ...só na aparência, pois que grandes mulheres! Carminha, que conheço ao longo de muito tempo, sei que por trás de sua forma gentil e suave no trato, é de uma força - coragem interior pouco vista, assim como a Lyioquinho, só que esta bem menos tímida. E as nossas colegas eram em sua maioria assim tratadas: Cecilinha, Aninha, Soninha...pelo menos por mim, e claramente, só agora eu percebo, pra me sentir - colocar mais próximo. Como Renatinho, Birinha, Julinho, Ruizinho o Yamasaki - pelos dois motivos -, como também o Davizinho e o Marquinhos.

O aumentativo, geralmente demonstrativo, mostra o tamanho das pessoas, como Jorjão, Maurão, Clebão - este com outras nuances, já comentadas -, o "Tchelão", etc. Mas pode mostrar o oposto como no caso do Cidão.

As corruptelas também servem para facilitar o chamado, como o Nelsão do Nelson, Bira, Massa - chama-lo de Maasa"katsu", além de trabalhoso, seria um pouco impróprio -, Quincas, Didi, Clodô, Alex, etc.

Dos demonstrativos temos ainda muitas variações. Dos que se referem a particularidades, desde físicas até comportamentais, passando por geográficas e outras. O meu foi um dos primeiros, se não o primeiro da turma. Eu me lembro que, numa das primeiras aulas de Genética, em que o Kerr perguntava o nome das pessoas e se já tinham algum apelido, quando chegou minha vez, acho que foi o Túlio que gritou: "É Máfia! ", e, claro que pelo meu aspecto na época, barbudo, de óculos escuros, pegou ... e de que jeito!!!

O Clebão, que além de alto, ainda se achava muito, muito bom, acho que fui eu quem deu o apelido, desde a Casa do Estudante. O Sérgio "Puff" também foi um dos primeiros, desde o tempo da Genética, pela maneira particular – empolada - fleumática com que ele pronunciava essa palavra. O Ludô, do professor Ludovico das histórias em quadrinhos, um genial inventor, porque ele gostava de ter ideias sobre várias coisas. O Farah "Quibe", pela sua origem e seu pai ser um comerciante ali pela Praça XV. O Pedro Bala, provavelmente porque seu sobrenome, Tanous, parecia o nome de uma fábrica de munições. Antônio Sérgio "Patrimônio", que era muito estudioso, com ótimas notas, as melhores da história da faculdade, e era como se ele representasse um troféu-referência para turma, particularmente para a turma do Quincas e Rui Barbosa. O Panzardi "Panza", que além de facilitar, também tinha uma estrutura física peculiar, com um tórax avantajado, de causar inveja aos atuais jovens da academia, fisiculturistas, quanto mais para nós, da época, tão magros que não podíamos sequer doar sangue – proporção peso/altura usada como critério - e que, pelo jeito de andar,

podia lembrar aqueles tanques de guerra, solenes... uma divisão “panzer” dos alemães. O Teiji “Piãozinho, que já contei num caso anterior. O Luiz Fugimoto “Voz de Ouro”, porque falava muito pouco e baixo, e parece que continua assim, pelo menos com nossa turma. O Antônio Nicolosi “Zé Robô”, pelo seu jeito peculiar de andar e falar, que realmente parecia com um. O Manuel “Niquinho”, já uma corruptela de Piniquinho, como o meu - de Máfia pra Mafinha. O Dietrich “Alemão”, por parecer e ser um alemão em vários sentidos. Também pela origem, o Geraldo Felipe “Tatuzinho”, de Piracicaba, o Luiz Fernando “Santista”; “Promissão”, etc.

Ainda havia aqueles apelidos que não eram muito aceitos, como o Philbert “Filé” porque era muito magro, e jeito aristocrático, como era um filé para nós pobres mortais estudantes; Rui Yamasaki “Bibelô” pois quem o viu: pequenino e num quimono vai entender o apelido, mas que também por resistência, não pegou muito. Houve também os que não eram divulgados, nem as pessoas chegaram a ser chamadas, por eles só eram falados nas “rodas de fofocas” como Mariza “ Frente Ampla” por seu porte bem ereto e pelo seu tórax avantajado, mas bem diferente do Panza; a Soninha Nicoletti “Freira” pelo seu jeito de se vestir e na época, de ser. Apesar de dizerem que quando ela cruzava as pernas causava um transtorno enorme :”matava o Pedro Bala de tesão e o Teiji de ciúmes”; a Vera “Roseira”, que por ter espinhas, num grupo de colegas mulheres que tinham uma pele, na época lisa, é o que chamava atenção, nela, hoje certamente anda distribuindo seu perfume em outros planos. Mas, como disse, esse era um dos apelidos que eram apenas usados nas rodas de “ bocas negras”. Além disso Vera me fez pensar que o apelido em alguns casos tem um poder protetor, pois se eu já não tivesse pego logo o Máfia e como tinha muitas espinhas na

época, entre tantas outras dificuldades, certamente teria pego um apelido se não semelhante, muito pior;

Tem ainda os apelidos que são ligados ao passado, isto é, coisas que você até foi, mas não é mais, por exemplo depois que revi o Ruy Yamasaki durante minha pós-graduação ele já não tinha mais uma aparência que pudesse ser associada ao apelido, como também o Philbert que ganhou umas carinhas a mais, e etc...

Mas outros são como que proféticos, exemplo: o do José Henrique Scabello, que sabiamente foi “apelidado de Ex cabelo”...um apelido futurístico.

E, é claro que havia até os que eram chamados pelos seus nomes ou sobrenomes mesmo, como: Jane, Nicola, Claire, Aylton, Ani, Anita, Yadira, Luciano, Agnaldo, Myriam, Iulo. Tone, Batich, Coutinho, Zuardi; Galvão; Pannuti; Toloí, e os mais completos pois tinham os prenomes repetidos na turma, como Maria Cecília e Rui Barbosa;

E os que não sei porque acho que já vieram com eles como os do “Gomão” e o do “Brigué”

Enfim, apelidos que quando nos chamam, e na nossa idade conseguimos ouvir, podemos reconhecer algumas referências. Nossos apelidos que foram nos acompanhando, alguns por pouco tempo, uns que nem chegaram a ser conhecidos, e outros que nos acompanham por outras vidas. Mas que de alguma maneira nos identificaram, com nossa turma, com uma época...conosco.

Apelidos como o meu que fica tão impregnado, que quando chegou um novo aluno, acho que depois de 2 anos da nossa turma com sobrenome de Maffia, perguntavam se ele não era meu parente, e ainda, conta a

lenda que um colega de nossa turma esteve aqui em Maceió e não conseguiu me localizar pois não lembrou de meu nome.

### *ADENDO LUDÔ*

*Na lembrança do Scafa, seria imperdoável e irreparável o esquecimento do AMIGO Yoshiharu.*

*Outros relembrados: Ricardo PJ (Pentelho Jacú). Não sei se deveríamos perpetuar o significado do PJ. De “pentelho” não tinha nada... Sempre com a voz baixa, de uma incrível suavidade talvez comparável ao AMIGO. O Jacú deveu-se ao seu “accent regional”.*

*Entre os “gringos” merecem lembrança o BISCARDONA (Daniel Cardona) e o LAS VIAS (Osvaldo Humeres Reynaga). Esse último um folclore puro que está na minha lista de causos.*

*E, muito mais...que só vocês completando...*

*Ah!!! Me lembrei de um temporário!!! Mas...tã ta tã ta ta...será um outro caso....*

*O “Pedro Bala” foi inspirado no personagem do Jorge Amado no “Capitães da Areia”. Fábrica de Armas???? Mafinha essa você viajou mais que a turma do Tropicalismo que você tanto amava.*

### *ADENDO SANTISTA (Luiz Fernando Gomes Pereira)*

*Vai minha versão da origem do meu apelido: foi no início do curso, numa daquelas grandes aulas da Genética. O professor falava do “poder das pontas” nos cromossomos e eu lancei uma pergunta: - Massh,*



*professor, “assh pontassh...”. Pronto. A classe toda começou a ciciar, Sh Sh Sh Sh! Ai pegou. Santishta. E eu nem sabia que tinha sotaque!*

## **AS “GUERRAS D’ÁGUA”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

As “guerras d’água” na Casa do Estudante já existiam antes de chegarmos, e consistiam basicamente em: os colegas que iam pra cidade à noite, quando voltavam e iam entrando na Casa eram recebidos por baldes e/ou bexigas de água. Dito assim parece sem graça, mas os detalhes, os quais espero contar direito, pois eram muito engraçados, pelo menos pros que conseguiam acertar o alvo, e os da torcida.

Chamo de guerra por que fim, é como se os colegas que retornavam, que passo a chamar de “rueiros” queriam como que reconquistar-chegar em sua terra-quarto em paz, sem traumas. Da parte dos recepcionistas- defensores os “caseiros” era fazer com que os rueiros não conseguissem chegar incólumes.

As motivações-origens não sei mas posso imaginar, “Freud explica”: os colegas que ficavam na Casa do Estudante, por motivos vários: estudando, fazendo outras atividades, ou mesmo por falta de grana pra irem à cidade, de alguma forma puniam aqueles que foram se divertir na cidade.

Então funcionava mais ou menos assim: os colegas, que ficavam se preparavam com baldes/bexigas cheios de água, esperando os colegas chegarem. Naquela época era fácil a organização pois os ônibus- acho que único- tinham poucos horários e certos de chegada: 21;22; e 23 horas. Nos dias de baile, como no domingo no centro acadêmico de medicina, ou nos dias da Filó ou do Direito tínhamos que juntar um grupo e irmos atrás de um taxi na praça XV.

Então, ficava tudo e todos preparados. Daí quando o ônibus chegava, apagavam-se as luzes, geralmente do 3º andar, pois o efeito da queda d'água de lá era maior-melhor.

Daí por uma “passarela” que vinha da rua até a entrada da Casa, se aproximavam os rueiros, que dependendo da situação etílica, vinham, já vinham, com seus gritos de guerra provocando os caseiros. Daí quando chegavam pertinho, começavam a correr pra porta... e tome baldes, bexigas nos peitos, nas caras onde fosse possível acertar!!Como se fosse uma cascata... uma muralha d'água !!! E tome xingamentos – gozações de ambas as partes...cada vez mais alto! Seus filhos da p\* pra lá, cag\*s seus p\*rras pra cá...e assim ia...

Até a paz retornar...com a chegada do próximo ônibus. Agora com a adesão de novos caseiros.

Essa “guerra” podia ter algumas variações, por exemplo: tinha alguns rueiros que pra tentar burlar os caseiros davam a volta pra entrarem por baixo da Casa, já que está era meio suspensa, então os caseiros postavam alguns sentinelas no primeiro andar e quando esses rueiros vinham dar o grito de vitória “ seus b%tas não me pegaram!!”, recebiam sua carga de munição... e lá iam se secar e estender suas roupas;

Outras vezes, acontecia de no meio da noite, você ouvir um barulho estranho de água caindo, sem ser chuva, acompanhado de um sonoro FILHO DA P#TA!!!!!! Era um ou uns dos rueiros que vieram fora de hora, mas foram alcançados por incansáveis sentinelas.

Nem preciso dizer que quase todos os moradores, com exceção talvez do Sabatini, e Antônio Ramalho passaram pelos dois lados da “guerra”.

Mais uma que não me lembro bem é quando o Geraldinho machucou o calcanhar e que vinha entrando de muletas acompanhado de “seguranças”. Na verdade, aproveitadores, pra não serem apanhados. A lembrança que tenho é que apesar dos clementes pedidos pra que se fosse respeitada a situação do Geraldinho...não foram respeitados!!

E, “ A batalha de Itararé”

Pelo que descrevi acima, dá pra imaginar o que era morar próximo da Casa, e em frente morava o prof. de Ortopedia, o Marcondes, que coitado, foi quem me ajudou a entrar na Casa, pois conhecia meu padrinho, e no fim nem o conheci direito. Na época eu era tímido demais, mas também suficientemente classe média pra justificar minha vaga lá. Bem o prof. Marcondes vivia reclamando pro Cruz do barulho, no mínimo. E o Cruz que era responsável pela Casa, vivia mandando recados, e ordens-ameaças.

Bem, numa noite, a artilharia estava montada, com baldes- bexigas... tudo na agulha! Nesta noite eu era dos caseiros, ao meu lado Niquinho com um balde pelas tampas. Eis que na passarela vem chagando um grupo de rueiros e desfilando com uma insolência nunca vista. Quando chegam perto... na mira, já pra começar a carga... Alguém grita: ” É o Cruz!!!”. Daí foi uma correria dos diabos!! Cruz credo!! O Niquinho passa correndo, escorrega e derrama o balde encima dele e de outros...

e por aí vai. Então o Cruz entra com seu séquito todo imponente, no maior silêncio, para o devido “diálogo”...e um fio d’água descendo, por uma das varandas ...

O título é em honra ao grande humorista “Barão de Itararé”, Aparício Torelly, por sinal nosso colega, contando que a nobreza de seu nome vinha de uma batalha que não houve.

## **A GUERRA D’ÁGUA CONTINUA**

**Antonio Sérgio Ramalho**

Os tempos da Casa do Estudante foram bem divertidos. O prédio tinha três pavimentos e os calouros ocupavam o andar térreo. Conforme iam progredindo no curso, iam subindo de andar e no quarto ano tinham que sair. O campus ficava perto da cidade e o último ônibus, que saía do centro exatamente às 22:00 hs, chegava à cidade universitária depois de meia hora. Toda noite, os calouros que tinham ido à cidade, ao entrarem no prédio, levavam um banho dos veteranos, que já ficavam esperando nas sacadas, com baldes de água. Não havia como escapar do banho, pois havia uma única porta de entrada, com uma pequena escada. O jeito era já ir tirando a roupa antes de entrar no prédio, colocar livros, relógio, etc. dentro de um saco plástico. Ou ficar uma meia hora ao relento, longe da casa, até o “fundurço” sossegar. Mas havia a promessa de que o “trote” terminaria oficialmente depois do baile dos calouros. Assim, na primeira noite após o baile, os calouros

entraram desprevenidos, trazendo livros, cadernos, etc. E lá veio água, causando susto e prejuízos. Nós, os calouros, nos reunimos secretamente no saguão do prédio, para decidir que atitude tomar, pois senão o “banho” iria se prolongar pelo ano todo. Resolvemos esperar os veteranos se acomodarem para depois subirmos silenciosamente as escadas, todos levando um saco plástico cheio de água. A um sinal combinado, cada um de nós deveria abrir a porta de um veterano (ninguém trancava a porta à noite) e jogar o saco de água dentro do quarto. Foi um desastre!!!! Alguns veteranos já estavam dormindo, ou lendo na cama, outros sentados à escrivaninha estudando, e foi uma molhada geral de colchões, armários, livros... Os veteranos revidaram, pegando baldes de água nos banheiros coletivos, jogando nos calouros e vice-versa... Virou uma guerra... As torneiras abertas ao máximo acabaram enchendo as pias, vazando pelo chão, inundando os banheiros, escorrendo pelos corredores... A água escorria pelas escadas, como cachoeira. Depois da água passamos a jogar talco, tinta, livros, o que estivesse às mãos – um episódio de loucura coletiva. Alguns estudantes mais agressivos partiram para a troca de sopapos. Era um tal de gente escorregar, rolar nas escadas, se machucar... A gritaria foi tanta, que os professores que moravam nas casas vizinhas acordaram alarmados e chamaram a patrulha do campus para pôr fim àquela balbúrdia toda. No dia seguinte, alguns alunos foram chamados à diretoria da faculdade para explicações. Ainda tenho as minhas suspeitas que o Sr. Pedro Zelador “entregou” alguns nomes – de preferência daqueles que não tinham o hábito de “negociar” com ele, que vendia de tudo, até arrumava “encontros” com as meninas da Casa da Olguinha. Lembro-me nitidamente das suas palavras: “Lá na Casa da Olguinha o serviço é completo, fazem de tudo...” (nunca fui conferir tais serviços completos). Só sei que eu, tão quietinho, também fui chamado.

Que vergonha... O diretor era amigo do meu pai! Lá na diretoria estavam alguns professores, que participavam da “administração” da Casa do Estudante. Vários professores eram favoráveis a uma “suspensão disciplinar” de todos os estudantes envolvidos, por uma semana (como eu iria explicar isso em casa? Depois de pouco mais de um mês de aula, eu já estava suspenso!). Mas o problema estava em como determinar exatamente quais eram os “estudantes envolvidos”. Quase todos os estudantes presentes afirmavam não ter participado de nada e que o Sr. Pedro nem estava presente durante o episódio... E também ninguém estava disposto a “dedurar” colegas. A discussão estava nesse impasse, quando a Professora Clotilde, da Psiquiatria, resolveu interceder ao nosso favor. Segundo ela, tratava-se de um episódio de desequilíbrio coletivo, desencadeado por algum desconforto psicológico, como o confinamento. Quanto mais um grupo de rapazes na flor da idade, com os hormônios explodindo, confinados em um mesmo ambiente, com falta de mulheres (A Profa. Clô não sabia da existência da Casa da Olguinha, rsrsr....). Ufa! Que alívio! Resolveu-se deixar tudo por isso mesmo. Cada um apenas arcou com o seu próprio prejuízo – com a brincadeira, eu perdi um atlas caro de Anatomia.

## **“DO INSÓLITO À LOUCURA”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

A Casa do Estudante era meio suspensa, o que permitia que os ruiros passassem por baixo dela acocorados pra fugir da artilharia aquosa dos caseiros, como já disse atrás.

Tinha 3 andares, uma escada que levava a um “hall” de entrada, onde ficava um quadro de/para avisos diversos, e onde o Vandola publicava suas charges, quase cotidianas, sempre bem-humoradas e contundentes. De cada lado nos andares ficavam os quartos, com um corredor comum no fundo, e uma varanda, também comum, na frente. No meio dos corredores ficavam os banheiros comuns.

Nas varandas havia um parapeito de mais ou menos 1 metro e pouco de altura, também comum a todos os quartos, e nele havia cabos de ferro, cada cabo de ferro, numa distância que correspondia a cada quarto, que vinham do térreo até o 3º andar, como se dessem um equilíbrio a estrutura, ou unificassem os andares. Esses cabos eram finos mais ou menos 2 cm de diâmetro.

Mais, a Casa tinha certa sequência de ocupação, os calouros geralmente o térreo e à medida que os anos passavam iam subindo. Conosco foi assim, com algumas exceções, ocupamos o térreo.

De repente, um dia aparece o Teiji Asanuma, um “segrega”, que é como brincávamos com nossos colegas nisseis, que pouco falava com as pessoas e morava quase vizinho de mim no térreo. Então, me aparece o Teiji pulando, rodopiando sobre o cabo em frente ao seu quarto dando

piruetas agarrado nele!! O Teiji !!! Voando por fora da Casa, pois na metade do giro ele passava por fora e após uns dois giros caia de pé de volta no corredor. Era coisa impressionante, parecia de circo, hoje ele seria um professor dessas dançarinas fazem misérias naqueles “postes”. E o sucesso foi tanto que ele de vez em quando dava uma audição, e pegou o apelido de Teiji Piãozinho.

E eu comecei a aprender, e como vizinho conseguia conversar e aprender com ele: uma corrida pelo corredor, um impulso, agarrando o cabo, um pulo pra passar por cima do parapeito, e com o tranco do impulso rodopiar por fora da Casa, e por dentro, por fora... sempre por cima do parapeito. Uma sensação muito boa !!! Ah! E controlar o giro pra cair do lado de dentro! Claro!!!

Daí fui treinando...treinando. E, como aconteceu com vários colegas em outras áreas, como o Cidão–Sidney, e o Didi-Adilson, que quando chegaram na Casa mal sabiam nadar e lá pelo 3º ano davam voltas e voltas no Laguinho. Então, fui treinando e chegou um tempo em que eu dava mais voltas que o Teiji.

Hora da loucura!!!

Passamos pro 2º ano, e eu pro 2º andar. Daí, não satisfeito em já conseguir dar tantas voltas, resolvi fazer isso nele. Uma coisa é dar piruetas a 2m do solo, outra é a 4m!?!?

E, a loucura, não era só minha, pois não me lembro de nenhum colega, me impedir de fazer isso... ou, minha memória tá muito fraca mesmo!!!

Bem, quem viu, viu, quem se lembra, que se lembre...pois foi verdade... e não me peçam pra repetir....



## **“A MORTE DO COSTA E SILVA”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Mais alguns detalhes sobre a Casa, os quartos: eram suficientemente minúsculos. Suficientes para caberem uma cama, de solteiro, uma escrivaninha, e uma estante, por cima da escrivaninha; e minúsculo pra não caber quase mais nada. O colchão a gente geralmente conseguia – comprava com seo Pedro, um tipo zelador, que com sua carroça transportava desde os colchões, até bêbados pra fazer propaganda de festa caipira na cidade-depois eu conto esta. Mais os baldes pra lixo e claro pra “guerras d’água”, e mais alguma coisa que coubesse no espaço entre a escrivaninha e a porta ao lado da cama. Qualquer coisa a mais por exemplo mais uma estante, tinha que ser negociado-comprado com seo Pedro. As paredes eram de um material, tipo madeira prensada, que fazia o milagre de aumentar a transmissão do som, isto é, as vezes você conseguia ouvir melhor no quarto vizinho que dentro do próprio quarto... Inclusive cheiros!! Por exemplo, às vezes você não conseguia dormir porque o vizinho resolvia roncar muito alto, por aí ...

Com o passar do tempo, os grupos iam se formando, pra estudar como o do Quincas, Rui Barbosa e Antonio Sérgio Ramalho e o Nicola, que também tinham outras coisas em comum como por exemplo nunca ficarem um final de semana em Ribeirão. Outros por amizade, como o Geraldinho e o Alemão, o Davi, e o Niquinho, num tempo o Mafinha-eu e o Panzardi, e assim por diante, e que em muitos casos foram a semente de muitas Repúblicas.

Bem, estávamos em 1968, ditadura, após a morte do Castelo Branco, endurecendo, agora com o Costa e Silva como “presidente”.

Na Casa, era uma quinta-feira, véspera de uma prova final, não me lembro de que matéria, a maioria se matando de estudar, uns em grupo como os já citados, outros sozinhos, como o Clebão, que além disso estudava escondido, pra não mostrar que eram cdfs, outros ainda como no meu, ainda na fase de vagabundagem total...deixando pra estudar mais tarde...bem mais tarde!!!

Daí me veio uma ideia: “dar um trote nos colegas”. Fui ao quarto do Bira, que na época ainda não trabalhava, numa rádio FM em que trabalhou muitos anos, mas já tinha e treinava sua voz de locutor. E, bolamos alguma notícia que pudesse causar um rebuliço na Casa...mexesse com os cdfs!!!

Então conseguimos um gravador portátil com o Sidão, o que não era fácil na época, gravamos um prefixo que havia numa rádio pra notícias extraordinárias e Bira entrava com a notícia – “ Extra! Extra! Extra! Notícia urgente- Acaba de falecer em Porto Alegre o presidente Costa e Silva!!!!” Com a gravação feita, fomos ao quarto vizinho onde estavam estudando o grupo do Rui Barbosa e ligamos o gravador no volume máximo, e como descrevi acima o resultado acústico, foi maravilhoso, o pessoal ficou comentando animado; e enquanto resolviam sair gritando, eu e Bira fomos correndo para a vizinhança de outros quartos onde outros grupos estavam estudando como do Alemão - Geraldinho , e repetirmos a gravação, e assim por diante...

Resumindo: após alguns minutos estava grande parte da Casa em polvorosa; era o Quincas e o Rui Barbosa gritando “Feriado!!! Sãopaulinho!!!”, o Geraldinho p\* da vida acusando os comunistas como

culpados, o Alemão com seu imenso rádio, que ocupava grande parte da escrivaninha, tentando localizar uma rádio gaúcha pra saber mais detalhes, e alguns mais esquerdistas como o Lechat vibrando na varanda!

E eu e Birinha morrendo de rir...por dentro!!

Até descobrirem... e quase nos matarem...por fora!!!

## **“FUTEBOLZINHO!!!”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

No Campus havia um Ginásio de Esportes, um campo de futebol, com uma área para atletismo. Ah!... E um lago!

Vou contar algumas atividades desportivas - sociais que rolavam nesses ambientes. Vou excluir as guerras d'água, que não deixava de ser um esporte, por tudo o que exigia como esportista dos dois lados, e que éramos muito bons, e um dos mais populares, porque já tratei desses casos anteriormente, e mais a contribuição do Antonio Sérgio Ramalho-o Patrimônio.

O Ginásio era multiutilidades. Além dos bailes e outras cerimônias, ele era poliesportivo. Servia para os campeonatos internos de futebol de salão, vôlei, basquete, tênis de mesa, que eu me lembro. E, algumas vezes até para tênis, pois me recordo que como eu sabia jogar

frescobol, servia de trocador de bola para treinar o Rivera; já que o Tchelão na época não morava na Casa.

Mas a nossa turma usava mesmo o Ginásio era pra jogar o “futebolzinho! ”. Quase todas as noites, por volta das 20-21 horas quando dava tempo de termos feito a digestão e algum estudo, alguém gritava “futebolzinho” e íamos: Eu-Mafinha quase sempre- sempre pois, era muito vagabundo, na época! E pra estudar! Mais o Ludô, que como eu e o Leslinho-Leslie Hiromi Oda, que eu chamava, maliciosamente, de Leslie Adolfo Oda, usávamos um óculos para jogar- também o Mané Romeu, mas era de uma turma mais adiantada; ainda, o Geraldinho Papavento, que nos nossos jogos na Casa resolvia querer jogar na “linha”, e as vezes era uma confusão danada pra conseguirmos um goleiro; Clebão, que não sabia quase nada de futebol e que com tanto treino virou um razoável cabeça “de bagre” de área, ou lateral esquerdo pois era canhoto; o Luiz Fujimoto- Voz de Ouro, que era calado, mas um bom e animado defensor; o Panza-Panzardi, que jogava na ponta dos pés, como se bailando; o Nicola, que era meio caladão, mas jogava com um vigor que “sai de baixo”, o Massa que era esforçado mas certamente melhor em judô; o Niquinho-Manuel Diogo Pereira Evangelista, que como em tudo que fazia, bem-bom e discreto, ponta direita; o Davizinho-David Issao Aoki, que dava muito trabalho na ponta esquerda; o Quincas e o Rui Barbosa que vinham sempre juntos, que apesar de jogarem bem, inclusive o Barbosinha no gol, mas vinham com menos frequência, pois tinham que ficar estudando com o Antônio Sérgio, ou fazendo sala pra ele.. Mais raramente o Adilson, o Philbert, o Ruizinho. Como vemos uma equipe completa que as vezes recebia pessoas de outras turmas como o Reinaldo, e o Nelsinho.

Funcionava mais ou menos assim: naquele horário, entre 20-21 horas, alguém gritava –pelo dito acima, geralmente eu- “FUTEBOLZINHO!!!” Era a senha pra nos prepararmos – vestirmos e irmos pro Ginásio. Daí era dividir os times e jogarmos tanto quanto aguentássemos, pelo menos de 2 a 3 vezes por semana. Nos finais de semana mais raramente, pois tínhamos nossos compromissos sociais com os bailes dos Centros Acadêmicos e o laguinho, quando não viagens pras nossas cidades natais, principalmente no começo do curso, ou enquanto não conseguíamos alguma namorada-o. Por exemplo: a Cecília, que tinha um noivo→marido em Sampa, viajava todo final de semana, assim como o Quincas e o Ruy Barbosa. Geralmente não jogávamos antes de alguma prova importante, a não ser quando o Clebão, que estudava escondido e muito, ou melhor, muito e escondido, ficava provocando: -“ FUTEBOLZINHO!!, vamos seus c.d.f.s, vocês só pensam em estudar”. Daí dependendo da prova e da nossa segura, íamos pro Ginásio... ou lhe dávamos uma bela vaia!!! Depois do futebol, uma das opções era, para os mais asseados tomar um banho na Casa, ou pros mais “cansados” aguardar pro outro dia. Pros mais atrevidos, era tomar banho no laguinho. E pelados!!! Era emocionante e delicioso, tomar banho pelado no laguinho, principalmente em noites de lua cheia refletida no lago! Tão romântico que só faltava uma-s mulher-es nos acompanhando. Claro que nada se comparava com a eletrizante exposição do Veludão pelado no beiral do lago após um Baile Branco, que quase que lhe custa a expulsão do curso!?!?Mas, além de menos arriscado, era muito gostoso, e fizemos isso várias vezes! Bons tempos em que o laguinho era liberado pra banhos...e pelados!

Devido a todos esses treinos a nossa seleção era campeã de futebol nos jogos internos. De natação não por que tinha o Marcelo

Rosachansky de uma turma posterior – XVII, que já era um grande nadador e ainda mais treinava no lago.

Ainda, lembrar que fui um dos primeiros da turma a atravessar o laguinho. Só que com o passar do tempo e das farras, o fígado foi permitindo cada vez menos isso. Já Cidão – Sidney Júlio de Faria e Souza e Didi-Adilson, que acho que nem bem sabiam nadar, quando chegaram à Casa do Estudante, treinavam tanto que lá pelo 3º ano davam voltas e voltas no laguinho.

Além disso, o laguinho era nossa praia, e de graça, pra quem não podia pagar por uma piscina em um dos clubes da cidade. Além da areia, tinha aquela mansidão curadora, mas, às vezes, até com ondas, que se faziam quando barcos desfilavam por suas águas, ou quando nossos porres eram tão intensos que as criavam.

O lago era palco, nos finais de semana, de encontros dos alunos de todas as áreas do campus. Logo paqueras surgiam e florescia em nesses encontros. É quando podíamos avaliar melhor fisicamente as meninas da Filô, assim como algumas de nossas colegas, já que algumas também frequentavam o lago. Lembrava-me da Carmen, em alguns desses encontros, depois ela me confirmou e lembrou que Marisa, Aracy, Ani, Cecília, etc... Andaram por lá em momentos e com motivações diversas. Foi lá e nesses encontros que aprendi a beber - *stricto sensu*- e apreciar a cachaça- caipirosca de abacaxi. Isto é, comprávamos um abacaxi bem maduro-doce, e claro, a cachaça, abríamos ele no meio, pois dava pra duas pessoas...começarem a beber...Cortávamos a polpa em pedacinhos, e por cima, “ad libito” a cachaça, e ficava uma delícia! E, haja porres!!! ...e ondas. Enfim, a melhor praia de Ribeirão!

## **ESTUDAR OU NÃO ESTUDAR...**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Bem, eu nunca fui muito de estudar, até pela minha miopia, sempre aprendi melhor ouvindo-vivendo, que lendo. Também porque D. Olympia, minha mãe como dona de casa, quase sempre sem empregadas-secretárias, obrigava a nós seus filhos estudarem lendo, em voz alta. Uma forma para controlar nossos estudos. Na época de cursinho, auge da bossa nova que sempre adorei, era complicadíssimo, ouvir os programas, pelo rádio do Walter Silva- Pica Pau, como do Fausto Canova, às vezes do maestro Erlon Chaves, que tinham ótimos programas, onde se tocava muito bossa nova, e eu tinha que ouvir baixinho, e nos intervalos ficar lendo alguma coisa em voz alta, acompanhados dos gritos da minha mãe: ”-Leia mais alto que não estou ouvindo! ” No cursinho, junto com o 3º científico, começamos a estudar em grupos,

Éramos eu, o Claudio Rossi, irmão do Clovis Rossi da Folha, atualmente, conceituado radiologista em Sampa; e o João Lauro, cunhado do ator Fulvio Stefanini, hoje um importante patologista na Faculdade de Botucatu. Bem, fizemos o último ano do Cursinho 9 de julho, antes da separação, para abrir o Objetivo.

E enquanto meus colegas estudavam; ficava eu, na casa do Clovis, ouvindo uns discos de bossa nova, como uns do João Gilberto, e na do João Lauro, conversando com o pai dele que gostava de jazz, e ouvindo, me lembro muito bem uns bolachões do Miles Davis por

exemplo. Além disso, como eu não era muito estudioso, principalmente química orgânica, cujo professor passava 5 minutos da aula dando teoria e o restante, treinando testes pro vestibular, e aí eu ficava voando... Então procurei aterrar e dedicar boa parte do meu tempo do cursinho, em que não aprendia muito, pra me aperfeiçoar na sinuca, que por sinal era muito frequentada perto do prédio do velho 9 de julho. No final do ano, isso em 1965, o Di Gênio, procurou os melhores alunos do cursinho – e só depois fiquei sabendo disso - e claro não fui incluído, e ofereceu de graça um “intensivão”, abrindo o Objetivo. Claro que foi um sucesso! Praticamente todos passaram, inclusive meus colegas... e abriram-se as portas pro Objetivo.

Daí em 1966, muitos alunos do 9 de julho, passaram pro Objetivo, inclusive eu. Daí já relativamente pressionado pelo meu pai, que já estava pagando o 2º ano de cursinho, mas continuando não muito estudioso, resolvi aprender, mais frequentando o cursinho, que estudando com outros colegas. Os colegas de estudo na época eram o Carlos Augusto, que não sei onde anda, e um nissei, o Paulo Jukemura, que após vários entreveros durante seu curso de Medicina em Curitiba, está clinicando em Goiás. Bem, então eu passava quase os 3 horários do dia, assistindo aulas no cursinho...aprendendo por osmose. E por sorte neste ano o prof. de química orgânica- o Sales-, assim como o de Matemática, se preocupavam em nos ensinar mais as bases de suas matérias do que se prenderem apenas a testes de vestibular.

Detalhes sobre este ano, como por exemplo, ter sido aluno do Dráuzio Varela, na época, aluno de medicina, sobre a cola que o Roger de Biologia conseguiu da prova da Santa Casa, etc... etc... Depois eu conto.



Daí que consegui entrar em Ribeirão, e ser chamado numa das listas da Santa Casa.

Então estou na Casa do Estudante, com uma liberdade que nunca tinha tido, com uma “mesada” mínima, mas podendo usá-la como quisesse...meu pai nunca foi de dar mesada!

Quanto a mesada, a usava em comprar meus discos de bossa nova e jazz, e a partir de então, junto com certa compulsão, consegui uma respeitável coleção de “bolachões ”-perto de 4.000 discos. Quanto a liberdade, usei para nunca mais ter tido uma crise de asma, comuns na minha infância, e, é claro aproveitar minha vida...menos estudar, mais claro ainda!

Eu não estudava quase nada, até porque não conseguia, não estava acostumado sozinho, e nas aulas pouco aprendia, porque os professores estavam preocupados em nos ensinar o básico, e deixarem pra gente estudar-pesquisar o “grosso” das matérias. Em Anatomia, com meu “parceiro” Galvão, que como nos chamamos até hoje, com quem dividia a dissecação do cadáver, cedi de bom grado minha parte-lado, o que deve ter ajudado na sua formação cirúrgica. Nas provas, quando conseguia estudar com alguma colega da Casa... me virava. Quando não...colava. E, na cara de pau, já que não tinha nem capacidade, nem treino, nem vontade de fazer aquelas colinhas bem pequenas-quase uma arte minimalista, hoje uma nano arte!

Nas provas orais, como numa de Estatística o Euclides, foi com minha cara, nem sei por que, mas em vez de fazer perguntas, me deu uma aula sobre as relações da vida com a estatística, e confesso que aprendi mais com ela do que com o curso todo. E me passou... E, assim eu ia levando...

Quando vai chegando o final do primeiro ano, eu começo a namorar a Dirce, lá pelo mês de outubro, no Baile Branco... e apaixonado!

A “Filô” andava em greve, e eu resolvi ficar em segunda época, pois seria uma boa justificativa para conseguir que meus pais me deixassem em Ribeirão. Até porque já não ia muito bem, principalmente em Anatomia, que na época era um do “bicho papão”, junto com Bioquímica, da Medicina, chegando a colegas perderem o ano por causa delas. Estava –dizia eu com meus planos e apaixonado, quando na véspera da prova de Anatomia, a Dirce “me dá o fora”! Daí eu fiquei perdido, sem saber o que fazer, mas sabendo que precisava fazer alguma coisa. Daí, decidi que agora precisava passar de ano, e me restou...passar a noite inteira pela Casa do Estudante perambulando, por onde houvesse algum grupo estudando e ficar ouvindo o que eles estudavam; do Antônio Sérgio junto com Quicas e Rui, para o do Renatinho, com o Niquinho e o Ludô, depois pro Alemão com o Geraldinho e o David, nem sei se nessa ordem, mas, até que o último grupo fosse dormir.

Resultado...passei raspando em Anatomia com 5.00000000!!!!!! - 4.5 na prática e 5.5 na teórica.

E, assim ia levando-passando...

Chega no 3º ano, continuava eu com minha vidinha, quando no final do 1º semestre, vem uma prova final de patologia... e oral. Meu sorteado foi o prof. Brito, um cara muito calmo e bondoso. Sento-me na frente dele, barbudo, cabeludo, não tão mafioso, mas mais para um hippie. E ele começa a perguntar: - A primeira. –“Não sei”. A segunda. Tento chutar, e ele balança a cabeça negativamente. A terceira. –“ Não sei”. Depois de mais umas duas, ele para, fica olhando pra mim em silêncio e me diz

com um ar de pai decepcionado – “Meu filho, o que você está fazendo aqui?!?! Você não sabe nada!!! Não tenho como lhe passar.

Daí fica para 2ª época. Volto meio cabisbaixo pra Casa do Estudante, e quando vou entrando ouço uns gritos- “ Aí seu porra! Até que enfim te pegaram!!! Nem sei quantos, mas me lembro bem do Leslinho me gozando.

Tive que ir pra SAMPA, estudar na casa de meus pais, minha mãe quase exigindo –“que eu lesse em voz alta”. Mas estudei muito, aprendi bastante, descobri a maravilha de aprender com um atlas, a ver uma lâmina e compará-la com o que tinha no livro...tudo que devia ter aprendido na Anatomia.

Comecei a estudar Medicina pela Patologia!!! O que hoje me faz entender que até na maior patologia há algo saudável. E a reconhecer um órgão, um sistema...uma pessoa, apesar de toda patologia que os envolve!!

A partir daí, e com a entrada das clínicas, principalmente a Pediátrica, fui tomando gosto pela Medicina, e a estudar com um certo prazer. Com a Residência, me volto mais pra prática, e menos pros estudos. E assim tem sido...

Enfim, aprendo que o dilema não é estudar OU não estudar.

Estudar E não estudar é a solução....

## PORRES

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

### **Causo I – Testando o fígado... e a alma.**

“- ...E a terapêutica? Qualé que é? É ferro nela, é ferro nela.”

“- Viajando, lá- lá- la -lá -lá, pela estrada...”

Estas canções: o Hino da Medicina, e “Os 3 boiadeiros”, que muitas vezes estiveram umbilicalmente ligadas às nossas farras, as quais intimamente ligadas aos nossos porres, viraram nossos hinos depois que nos tornamos mais próximos, isto é, quando fomos nos mudando da Casa do Estudante pra cidade, ou seja, no 3º ano. Pois antes havia uma certa separação, quase uma “segrega” como chamávamos os “grupinhos fechados”. Não é à toa que conseguimos eleger o Geraldinho Paraventi, pra nosso representante de turma, apesar de todos os méritos que ele teve como pessoa. Mas foi a união dos que moravam na Casa que ajudou muito naquela eleição.

Voltando, vou considerar porres, até porque tenho muitos colegas-amigas- os, que se tornaram professores-pesquisadores. Então, porres vou considerar aquelas condições éticas em que perdemos alguns de nossos controles: desde os verbais, até outros mais físicos. No meu caso específico, tenho que considerar como importante, o que controla a saída “superior”, já que pra mim, vomitar, é como que “o prenuncio da morte”...sempre tive muita dificuldade, em realizar-facilitar esse acontecimento, mesmo sabendo o quanto ele pode ser aliviador.

Revolteando, quero dizer que todas as nossas farras, a partir do 3º ano, terminaram com as canções acima, depois que elas foram eleitas como nossos hinos - DAÍ QUE NÃO ME LEMBRO DE OUTROS DETALHES: POR EX; QUEM AS ESCOLHEU? COMO? QUANDO? SÓ ME LEMBRO DO LUDÔ SEMPRE PUXANDO AS CANTIGAS-. E, nem todas as nossas farras, que terminavam com o hino da medicina e os 3 boiadeiros, terminavam em porres..., mas quase sempre!

Mais preâmbulos, e pessoais. Eu aprendi a beber em Ribeirão, ou pelo menos a beber muito. Antes eu bebia quase nada, em algumas daquelas reuniões, bailinhos, alguns até em casas, que vivemos muito na época do científico em São Paulo. Era uma cervejinha aqui, uma batidinha ali, e não muito mais que isso.

O meu primeiro porre foi na Casa do Estudante, logo, sem o acompanhamento-fundo musical daquelas canções.

Estávamos numa noite, durante a semana, zanzando pela Casa quando alguém conseguiu, com o seo Pedro, um garrafão- um garrafão mesmo! De cachaça. Fomos para o corredor, acho que: Geraldo Paraventi?, o Ludô?, o Niquinho?, o David?, não me lembro mais. Juntamos limão e açúcar, nos sentamos e começamos a beber em copos e a conversar à cântaros. Beber e conversar...o tempo passando e o garrafão esvaziando...bebendo e conversando. Esvaziamos o garrafão, já era tarde, e resolvemos dormir.

Só que não consegui me levantar! Simplesmente, pela primeira vez, minhas pernas não atendiam ao meu comando- desejo! Já tinha sentido algo parecido quando apaixonado e ter que por exemplo tirar uma menina pra dançar. Mas igual a esta, e por esse motivo!?!?... Daí vou para meu quarto carregado pelo Geraldinho e Niquinho, parecendo

aqueles soldados feridos na guerra sendo levados do campo de batalha, naqueles filmes americanos. Lá chegando, como se não bastasse, passo a vomitar e não apenas, mas com acompanhamento... urrando!! E daí num gesto inesquecível, aparece o Niquinho, com seu famoso peniquinho, origem de seu apelido, pra me ajudar. Importante lembrar que o urro antecedia o vomito, pelo medo mortal já descrito, dando tempo pra chegada salvadora- compassiva do Niquinho. E assim passei a noite, sem conseguir me levantar, se no começo pelo álcool, no final pela fraqueza...E assim tive minha iniciação alcoólica: passando pela morte...pelo inferno e continuando vivo...com a proteção do Santo Niquinho... e seu salvador penico!

## **GEGÊ, CLEBÃO E A BOMBA DE FARINHA...a VERDADE REVELADA...**

**Antonio Sergio Ramalho**

Minha simpatia com o meu vizinho de quarto – um japonês magrinho chamado Getúlio (Gegê) – foi imediata. Por detrás de uma aparente timidez e um eterno sorriso estampado no rosto, havia um sujeito muito simpático, boa praça e meio excêntrico. Como a Casa do Estudante ficava perto de um lago, os pernilongos representavam um problema. Assim, quase todos nós tínhamos um mosquiteiro de filó sobre a cama. Os mosquiteiros eram brancos, evidentemente. Menos o do Getúlio, que era vermelho! Ele não usava as gavetas do armário e as suas roupas

ficavam em cabides pendurados em um arame que atravessava o quarto. Como ele lavava e passava a própria roupa, em um canto do quarto havia uma mesa de passar roupas, com um grande ferro elétrico. Dessa forma, o seu quarto tinha uma aparência exótica, misto de lavanderia e tenda árabe. Como as divisórias eram finas, escutava-se perfeitamente de um quarto para o outro e nós geralmente conversávamos através da parede mesmo. O Getúlio acordava bem cedo, para passar roupas. Assim, todos os dias, às seis horas da manhã, eu escutava o seu despertador tocar, seguido de um barulho estranho de tábuas caindo. Era: Triiiimmm... plá ! Encafifado com isso, perguntei-lhe o que acontecia toda manhã. Como o Getúlio não usava as gavetas do armário, toda noite ele as colocava em volta da cama, prendendo o mosquitoireiro. Com o susto do despertador tocando, ele dava um pulo na cama e derrubava todas as gavetas...

Outra excentricidade do Getúlio era usar um enorme ebulidor elétrico, para aquecer água para um chazinho. O aparelho devia “puxar” muito a energia elétrica. Era só ligar, para a luz de todo andar diminuir. De vez em quando caía o disjuntor e ficávamos às escuras. Certa noite ocorreu uma explosão no quarto do Getúlio – obviamente, o ebulidor havia explodido! Aliás, explosivos eram com o Getúlio mesmo, como veremos no “causo” seguinte:

Tínhamos um colega na classe – o Cléber (saudades do Cléber...) que, do alto dos seus um metro e oitenta, era um menino. Ele tinha a mania engraçada de ser o melhor em tudo – daí o apelido Clebão, O Bom... Rapaz inteligente, sempre obtinha boas notas, mas que nunca eram as notas mais altas da classe. Evidentemente, ele precisava arrumar uma justificativa para isso. Dizia que não precisava estudar – só assistir as aulas era o suficiente para ele se sair bem nas provas. Assim, ele ia

quase todas as noites para a cidade e quando voltava às 22:30 hs, já descia do ônibus gritando: “Estuda macacada! Quem é burro tem que estudar mesmo!!! Isso era TODA noite e deixava todos nós de saco cheio, pois sabíamos que ele ficava estudando até altas horas da madrugada. Queríamos dar-lhe uma lição, mas não sabíamos como... Foi aí que o Getúlio nos disse que sabia fazer uma “bomba” inofensiva, mas que assustava bastante. Uma noite, enquanto o Cléber estava na cidade, entramos no seu quarto e o Getúlio montou a tal bomba. Tirou a lâmpada do teto e fez uma instalação com fio elétrico, pólvora e um saco plástico cheio de talco. Quando o Cléber chegasse e acendesse a luz, a eletricidade acionaria a pólvora, que estouraria o saco plástico, espalhando o talco... Armada a “arapuca”, ficamos cada um no seu quarto, esperando o Cléber voltar. Às 22:30 hs o ônibus chegou, o Cléber desceu gritando como sempre, foi para o quarto e... BUM !!!! O Getúlio com certeza colocou pólvora demais e a explosão foi fortíssima! E então fomos nós que ficamos assustados e corremos para o quarto do Cléber, para verificar o que tinha acontecido com ele. O Cléber estava sentado no chão, com a cara toda branca de talco e só perguntou: “ Nossa! O que aconteceu? ” Felizmente ele era realmente fortão, pois se fosse outro mais fracote, poderia acontecer algo mais sério... O difícil foi não deixar que o Cléber desse uma surra no Getúlio – na verdade todos nós éramos culpados e o coitado do Getúlio havia errado apenas no que dizia respeito à quantidade de pólvora. Por um bom tempo o Getúlio ficou se escondendo do Clebão pelos cantos...

***Nota da redação/Ludô*** – *Olá Ramalho! Tomei a liberdade de dar um “exciting” título para o seu caso. O folclore diz que os autores foram o Bodô, o Toninho Assan e o Márcio. O Teije “Piãozinho” foi outra vítima*



*da bomba de farinha preparada pelo Vandola com o requinte da detonação se deu ao abrir a porta. Outra coisa, me conta direito essa história da “Casa da Olguinha”. Eu que era “da noite” nunca ouvi falar...Seria para um público seletos com poder aquisitivo?? Seria a Olguinha a Percília do campus? Conforme as repostas poderíamos considerar como “confraria sexual”...*

## **A VERDADE QUARENTA ANOS DEPOIS: SOBRE A EXISTÊNCIA DE UMA “CONFRARIA SEXUAL” E OUTRAS CONTROVÉRSIAS DA CASA DO ESTUDANTE**

**Antonio Sérgio Ramalho**

Como foi muito bem lembrado no prefácio destas gostosas memórias, os “causos” acontecidos quarenta anos atrás e lembrados de memória por “sexygenários” merecem certo desconto, pois a realidade acaba misturando-se à fantasia, para não falarmos das confusões e lapsos de memória perfeitamente compreensíveis. Então é natural que questões de suma importância acabem surgindo, tais como: as bombas eram de farinha ou de talco? Quem fabricava essas bombas? Acredito na teoria da multiplicidade: existiram bombas de talco e bombas de farinha. Uma vez lançada a ideia (tenho praticamente certeza que o “inventor” foi o Getúlio, nosso querido Gegê...), ela foi usada muitas vezes, por diferentes colegas, que se tornaram adeptos da tecnologia. Com certeza o Vandola foi um deles. Na nossa Casa do Estudante, como em todas

comunidades, existiam os que planejavam as peraltices e os mais arrojados que as colocavam em prática. Da mesma forma, existiram muitas “guerras d’água”, em diversas ocasiões e em vários graus de intensidade... Por falar nisso, não entendi porque o Mafinha isentou SÓ a mim e ao Sabatini da participação nessas guerras. Com certeza, não joguei água em ninguém, mas levei sim muita água na cabeça... E esse denominador-comum com o Sabatini me intrigou, pois os nossos perfis sempre foram muitos diferentes. Acredito que o Renato Sabatini foi o único aluno da história da FMRP que quis passar do curso de medicina para o de biologia. A vida dá tantas voltas que depois de mais de trinta anos, voltei a ser colega do Sabatini... Ele criou um tal de Núcleo de Informática Biomédica na UNICAMP, que ninguém sabia onde “encaixar” na faculdade de medicina. E repetindo a ideia de que todo paciente em que não se chega a um diagnóstico é encaminhado para a genética, anexaram tal núcleo ao meu departamento. O Mafinha tinha, portanto, misteriosos poderes preditivos, ao associar intuitivamente o nome dele ao meu... E como esse núcleo foi um “abacaxi” em termos administrativos (apesar do Sabatini ter sido um bom colega), agora fiquei sabendo que o culpado foi o Mafinha !!!!

Quando mencionei a “casa da Olguinha”, fiquei surpreso de poucos saberem da existência de tal “estabelecimento”. O Ludô chegou a levantar a suspeita da existência se uma “confraria sexual” na Casa do Estudante, gerenciada pelo Sr. Pedro Zelador. Devo esclarecer que a Olguinha não tinha nada a ver com a Percília do campus... E não é que a suspeita do Ludô faz sentido? A Percília era popular, com preços módicos, quando não serviço fiado ou gratuito. Já a Olguinha era coisa fina, fora do campus, com hora marcada... Como dizia o Pedrão: “Na casa da Olguinha o serviço era **completo!**”. Lembro-me disso, pois até

hoje uso a expressão “serviço completo, como na casa da Olguinha”. Só agora, com o comentário do Ludô, “caiu a minha ficha” que o Pedrão, na sua esperteza, oferecia as casas da Percília e da Olguinha para diferentes clientela... Sempre dei tratos à bola para imaginar o que seria esse serviço completo da casa da Olguinha! E confesso que fiquei receoso de conferir, pois na época a minha experiência pessoal nessa área de “sacanagens e afins” era muito limitada. Pena que não seja possível voltar no tempo. Ficarei sem saber...

Em capítulo anterior, o Mafinha referiu-se a mim como “Patrimônio”. Esse meu apelido era restrito à Casa do Estudante. Como sempre tive dificuldade em prestar atenção em aulas, para não dormir eu anotava tudo o que os professores falavam. Cheguei ao cúmulo de levar um gravador portátil nas aulas, para não perder nada. Depois à noite, enquanto o Clebão e outros iam para a cidade, eu ficava passando a limpo os cadernos, acrescentando informações tiradas de livros. Assim, em vésperas de provas, os meus cadernos eram disputadíssimos, para uma revisão rápida da matéria. Quando colegas que não moravam na Casa começaram a também pedí-los emprestados, o protesto foi geral: “Os cadernos são patrimônio da Casa! ”. E Patrimônio ficou...

Como comentei, eu não tinha o hábito de ir frequentemente à cidade de ônibus. A única exceção foi uma época, no primeiro ano, em que o Professor Henrique Krieguer da Genética (não confundir com o da Fisiologia) deu um trabalho para nota, que envolvia a entrevista, em suas casas, de famílias com recorrência de casos de doenças hereditárias. O objetivo era montar heredogramas mostrando diferentes mecanismos de herança. A classe foi dividida em grupos, abordando diferentes áreas médicas, que receberam uma lista de endereços de famílias cadastradas na Genética. Coube-me fazer dupla com o

Mafinha, em um trabalho sobre doenças genéticas oftalmológicas. Assim, saíamos os dois à procura dessas famílias nos mais diversos bairros de Ribeirão Preto. O Mafinha, com os seus inseparáveis óculos escuros e um avental branco comprido – uma figura exótica. E eu um moleque com cara de boboca. Bela dupla! Assim, quando achávamos um endereço, depois de muito bater perna à sua procura, não era raro levarmos uma “porta na cara”, uma solene recusa em dar qualquer informação. Mas conseguimos entrevistar uma meia dúzia de famílias, a redação ficou legal e recebemos uma bela nota Dez.

A criatividade do pessoal da Casa do Estudante era incrível! Depois de uma aula de neurofisiologia, onde foi explicada a função dos dendritos neuronais de captar informações, certa manhã apareceram, pintados na parede do corredor, dendritos que, saindo dos quartos do Rui Barbosa e do Quincas, os maiores usuários dos meus cadernos, abriam-se em gêmulas muito bem desenhadas, na porta do meu quarto. Onde as informações eram captadas... Nunca o autor de tão bem bolada obra de arte se identificou... Por falar nisso, eu gostaria que o Mafinha explicasse essa história que ele escreveu, de que o Rui e Quincas, embora jogassem bem futebol, não compareciam com muita frequência aos jogos, pois ficavam estudando comigo ou... fazendo sala para mim !!! Que história é essa de fazer sala???? Mereço uma explicação, Dr. Mafinha, rsrsr....

Bom, lembro-me de outros “causos” da Casa do Estudante, mas em nome do bom senso (do pouco que me resta...), acho melhor não contar... Lembro-me bem desses “causos” insólitos, pois eu era como aquele papagaio da anedota, que “não falava, mas prestava uma atenção!!!!”. Tenho certeza que ao dizer isso, estou despertando a

curiosidade de muita gente (minha especialidade), mas não adianta insistir, que não contarei. Os envolvidos podem ficar tranquilos, rsrsr...

## **O SONO DO RICARDÃO**

**Luiz Fernando Gomes Pereira (Santista)**

A Anatomia era um terror. Muitas vezes varávamos a noite estudando, especialmente às vésperas das provas. Certamente o Ricardão estudou muito nesse dia. Essa prova era na forma de gincana, onde entrávamos um a um na grande sala de dissecação, obedecendo ao sinal que soava a cada três minutos. Íamos percorrendo as mesas, identificando as peças anatômicas, que eram salientadas com um alfinete ou um fio de tecido – dizem que o João Terra ignorou a incógnita peça mostrada e fixando-se na etiqueta com o número do cadáver, marcou na prova: Halux! Ficávamos no porão onde estavam os tanques de formol com as peças anatômicas, aguardando o sinal para entrar. Quando um aluno subia, outro se postava no início da escada. E ali, esperando, aconteceu que o Ricardo Hanna dormiu. Profundamente. Sentado num banco. Não sei quem deu a ideia, mas os que também esperavam para fazer a prova, saíram todos de mansinho, apagaram as luzes. Colaboração unânime. Silêncio absoluto por alguns segundos. “Cabeleira”, o bedel, instruído pelos golpistas, aproximou-se e, de chofre, despertou o Ricardo, dizendo que a prova tinha acabado e todos já haviam ido embora. Ele acordou desesperado, reclamando da falsidade dos colegas que o haviam abandonado, lamentando-se de tanto estudo

perdido. O riso no porão foi geral e explosivo, chamando até a atenção daqueles que estavam no andar de cima.

## **TURMA A vs TURMA B**

### **Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Agora, o Campo de Futebol. Tinha grama de um verde vivo, que era bem cuidada.

Logo que chegamos ainda pudemos ver um jogo da turma do 6º ano, pouco antes do Promissão (??) falecer, o que foi um choque pra todos nós, calouros. Um formando - último ano- morrer ?!?! Sem sabermos que ia acontecer algo semelhante com a nossa.) O último “Turma A vs Turma” dos formandos de 1967 ficou marcado como o jogo mais trágico da FMFP. No meio do jogo (regado a chope e “quebra-gelos”) começou a cair uma forte chuva e... de repente um raio no meio do campo. Vários foram se levantando aos poucos, mas o Promissão nunca mais levantou...

Bem, lá naquele campo, jogamos muito turma A contra turma B; que como tinha que ser durante o dia, quase sempre terminava em comemorações etílicas. Que com o passar do tempo, essas celebrações terminavam com nossa marcas registradas: o “Hino da Medicina: -...é ferro nela, é ferro nela!!”, junto com “Os 3 Boiadeiros: -Caminhando... lá lá lá lá, pela estrada...” As turmas se dividiam nos Luizes. Acho que os

terminado em “S” eram da turma A, e os com “Z” da turma B, por exemplo, o Scabello, Tolói, turma A, o Fujimoto da B?

Depois com o passar do tempo, a maioria já morando fora da Casa, começamos a fazer nosso futebolzinho no Estigmatinus ?! Na época, ficava no que se considerava Alto da Cidade. Acho que alugávamos o local, e jogávamos com menos frequência, até pelos compromissos com estágios, plantões, etc., mas com certeza comemorávamos com muito mais quantidade. E, é bom frisar que a turma A: Paraventi, Carlos Henrique, Clebão, David, as vezes Galvão – Didi-Leslie-Farah-Panzardi-Riverinha - Daniel Biscardona- Yulo, Quincas, Scabello, Toloí, Jorjão, Tatuzinho, João Terra. Esta turma, a A, ganhava quase sempre, da turma B: Luís-voz de ouro, Niquinho, Brigué; Pedro Bala, Marquinhos, Ludô, Barbosinha, Pannuti, Miguel, Cicogna, Ricardinho, Nelsão, as vezes Philbert-Filé, Renatinho, Nicola, Robertinho Carvalho, Massa... Tenho certeza que o Ludô, um Professor Titular do Departamento, ao incorporar mais esse “causo” não vai me mandar tomar no c.... Ele dirá em tom professoral: Em relação à maioria das vitórias da Turma A...há controvérsias...”. Pensando bem...professor “os cambau...Ele vai me mandar tomar no CÚ (sem hipocrisia literária c...)”.

Depois os colegas completam...E volto a lembrar, a turma A quase sempre ganhando da B e olha que meu nome é Mafinha kkkk.

E, tome mais “ .... é ferro nela! ” E “ viajando ...lá lá lá lá” com o Ludô “pra lá de Bagdá” puxando o coro.... na Capadócia.

Não posso esquecer do Julinho, que com todas as limitações físicas, participava animadamente dos nossos jogos de futebol. E, mais “recentemente”, quando voltei pra Ribeirão para fazer a pós-graduação foi um grande companheiro de duplas em tênis, e em alguns bons

papos. Desta época ainda tenho que citar toda a delicadeza da Liyokinho que além de me conseguir um salvo conduto pra entrar-jogar na Recreativa, era uma ótima parceira de duplas, assim como Cassiano e Gomão, este no Centro Médico.

## **FESTAS!!! E, festas... FESTAS!!!**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Havia uma tradição nas turmas anteriores. No final do curso, um grupo de formandos conseguia juntar dinheiro suficiente pra fazer uma viagem turística para outros países, era a chamada “Comissão Europa”. E, uma das maiores fontes de renda pra essa viagem vinha de uma festa, que já se tornara tradicional no calendário turístico da cidade “A Festa das Nações”.

Ribeirão na época, tinha 3 grandes comunidades: a árabe, a italiana e a japonesa, que gostavam de valorizar suas tradições. E a festa era um bom motivo-reforço pra isso. Ela constava basicamente de alimentos típicos e algumas atrações de cada cultura.

A nossa turma era uma das mais variadas quanto as origens: italiana- Franchi, Paraventi, Paccola, Panzardi, Gentile, etc.; portuguesa – Barbosa, Figueiredo, Pereira, Oliveira, Évora etc.; japonesa- Aoki, Massakatsu; Yamasaki; Tone?!?!-este com sua história, do convite ou falta dele, pra recepção da “Segrega” outro “causo a ser contado-, etc; alemã Dietrich Seyboth; russa- Swetlana; francesa- Claire; árabes de



várias origens- Miguel Moisés, Farah; Batich, Tannous Nassif, etc..; brasileiros originados de todos os cantos como eu e a Betinha do nordeste, e até um índio o Wilson Gonzales...quem vai me dizer que não?!

Toda essa mistura, sem contar com nossos “gringos” também vindo de diversos continentes: Hector; Cardona e Cardona –“Biscardona”, etc... do Sul até Rivera da Guatemala.

E, como éramos prevenidos buscamos organizar a festa acho que no 4º ano.

Enfim, tínhamos todos os ingredientes... tudo pra dar certo!!!

Daí...mãos à obra!!!

Me lembro a gente carregando madeiras; pendurados em escadas com martelos e pregos na montagem!

Mais, contratação de cozinheiras, e todo material necessário para as comidas típicas. Me lembro da d. Edite?!, que era uma senhora que junto com as filhas trabalhava em várias Repúblicas, mas mais especificamente na do Ludô-Renatinho-Cidão-Philbert- Birinha-Davi???. Bem d. Edite trabalhou em tantas Repúblicas que deve ter aprendido alguma coisa da culinária internacional...não sei como?!

Mas lá estava ela comandando as cozinheiras pra fazerem do sachimi ao kibe, da esfirra ao fettuccini e etc...

Enfim, tudo gasto, quase tudo preparado e quase todos mortos e a postos. Me lembro bem da árabe, do Batich vestido a caráter, chamando atenção seu “chapéu” de beduíno, e eu como ainda hoje pareço árabe fui escalado pra aquela barraca, e também vestido igualmente-meio ridículo, mas muito compenetrado-. Também da japonesa em que me

lembro do Tone e do Ruizinho, vestidos com aqueles quimonos coloridos que mais pareciam “duas gueixas”. Ainda me lembro do Ludô, do Scabello e da Carmen estarem por lá, mas não o que faziam?! Agora me lembro... O Ludô era o presidente e o Scabello o vice as Comissão Europa...

Bem, com todo esse cenário montado...TAM TAM TAMTAM...

NADA!!!

Ou melhor - pior...NINGUÉM!!!

Um desespero que foi aumentando, até que começamos a tomar algumas providências. Chamar as namoradas, algumas até já nos ajudando, assim como algumas colegas e vestidas a caráter, e me lembro acho que da Maria Cecília (??) vestida de italiana pronta pra dançar a tarantela-inclusive com aquele tamborim?? cheio de fios coloridos-. E, quem mais das famílias que quisesse participar, pra pelo menos não estragar as comidas.

Mas, o mais importante, rirmos de nós mesmos, e ficamos brincando com o acontecido, eu dizia que a nossa barraca, a árabe, era a mais típica, pois parecia um deserto. Ainda começamos a anunciar que o show final, a apoteose, seria do Tone e o Ruizinho praticando um harakiri.

Na verdade, não contamos com o fato de Ribeirão, no último ano, ter aberto vários bares-restaurantes de diversas tendências, e o mais importante o “Lanchorama”, na esquina da Praça XV com a Visconde de Inhaúma, que além da localização, e por oferecer uma grande variedade de” lanches”. Lanches para todos os gostos!!...Virou um “point” como se

diz hoje. Daí ...não tinha como dar certo... Acho mesmo que muitos colegas foram ao Lanchorama em vez da festa das nações!!!

Resultado prático: uma dívida que mexia até com a nossa formatura.

Então, solução... mais uma festa! E, agora vendo melhor...como nossa turma era festeira!!!

Resolvemos então fazermos uma Festa Caipira, nos responsabilizando inclusive pelo serviço de bar.

E, dos pontos considerados além da compra de copos, consignação de bebidas de mesas-já estávamos mais espertos!!!- resolveu-se que seria importante a divulgação do evento!!

Daí combinamos com o seo Pedro, aquele zelador da Casa do Estudante, sempre ele, pra nos levarmos com sua famosa carroça, para fazermos a divulgação no centro da cidade. Daí chega seo Pedro e sua carroça toda enfeitada-decorada com motivos juninos.

E, eu, o Ludô, Cidão e Davizinho, também vestidos a caráter, munidos de fogos de artifício, mais um megafone, subimos na carroça, e pela via do Café partimos para o nosso glorioso destino.

Esqueci de completar, que na nossa munição levamos uma garrafa de cachaça, a qual particularmente eu e o Ludô fomos bebendo, e muito, pela Via do Café. Então, quando adentramos o Centro e a Praça XV, eu já me encontrava suficientemente bêbado ...sem inibições! Daí enquanto, seo Pedro dava voltas na Praça, e o Cidão e Davi, em melhores condições, inclusive de equilíbrio, soltavam os fogos eu soltava a voz aos gritos convocando a todos participarem da festa “Aproveitem, que o mundo pode acabar!!! Essa é a melhor Festa que vocês vão ter na vida!!! Não percam!!! Antes que o mundo acabe!!!

Enfim... uma anti-propaganda, feita por 1 muito bêbado, 2-3 mais ou menos, ... e, um mais lúcido, o coitado do cavalo, tão pangarezinho que nem se assustava com os fogos... nem com meus gritos!!!

E, a festa? Nem sei como, mas a festa foi um sucesso. Tanto que trabalhamos muito. Me lembro da Carmen e do Didi lavando pratos-copos, outros como Scabello, Ludô servindo bebidas, e quem mais??

No fim conseguimos salvar o principal- a principal ... nossa Festa de Formatura.

## **“UM CAUSO PUXA OUTRO”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Era o final do ano de 67. A Filô, como chamávamos a Faculdade de Filosofia, estava em greve. Portanto, as alunas da educação, biologia, psicologia etc.... com bastante tempo disponível, inclusive para as “paqueras”. Daí com esses “esbarrões-encontros” frequentes, aditivados pelos bailes dos Centros Acadêmicos, se não me engano os da Filô nos sábados e da Medicina com certeza aos domingos, muitos casais foram se formando, entre nós e as alunas. E agora me lembro: do Niquinho, que dura até hoje; do Hélio Bacchin que não sei se ainda continua; eu, que durou muito tempo, do Philbert que foi e voltou várias vezes e não vingou; do Ludô que também não, e etc....ah esta memória!!! Ainda bem que tem os colegas pra me ajudar!!!

Então, estava eu namorando a Dirce que era da Psicologia. Na época o “jardim” em frente a Faculdade de Medicina tinha algumas árvores grandes, que não tapavam a vista do laguinho, como as de hoje fazem-uma pena-! e elas serviam além de pegar mangas como no “causo” da Ani – Aracy , como sombras para casais namorarem.

E, aproveitamos um horário disponível, que para a Dirce em greve era fácil, e pra mim, um vagabundo, na época de marca maior, uma rotina. Então estávamos, também depois do almoço, curtindo nosso romance, em baixo de uma daquelas árvores, quando resolvemos andar um pouco...quem sabe pra relaxar?!?! Num momento paramos, e, nas trocas de carinhos, em pé, abracei a Dirce pelas costas, isso tudo sorrindo-brincando, quase como num daqueles filmes de romance hollywoodianos.

Quase, disse eu. De repente a Dirce, de graça, joga o corpo para trás e caímos os dois sentados. Ela por cima, em meu colo e eu apoiado nas mãos. Na hora senti uma dor forte na mão esquerda. Me levanto incomodado, reclamando da dor, a Dirce chateada. Olho pra palma da mão e vejo um pedaço de pau enfiado nela. A Dirce chateada, apavorada, e eu como os heróis daqueles filmes, juntando todas minhas forças e tentando acalma-la. Foi quando ela me diz para olhar o dorso da mão...

Daí percebo que o toquinho-não o violonista- tinha atravessado minha mão!!! Então acabou-se o herói- que ninguém é de ferro-, comecei a ficar apavorado, lembro então, agora, a Dirce me procurando me acalmar. Devo ter ficado pálido→ fraco→ obnubilado→ etc...., pois só me lembro já no antigo HC, onde nos formamos. Na sala de cirurgia, com o Cabral- ortopedista, ainda bem que ele, tentando me acalmar, dizendo que era uma cirurgia simples, que eu ficasse quieto...e... só me

lembro dos auxiliares rindo do calouro apavorado e mais nada...anestesia geral!!!

E hoje, vendo na minha mão esquerda a cicatriz que até parece uma chaga de Cristo. Por isso devo até ser um pouco santo... KKK. Relembrando toda a vergonha que passei, e mais a maneira como e onde caí...dou graças, muitas graças à Deus!! Podia ter sido muito pior!

## **XVI – NOS ESPORTES...ESPÍRITO, LOCAIS E MODALIDADES**

### **Os selecionáveis**

#### **Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

A nossa turma veio com o Espírito esportivo, no sangue, nas entranhas.

Foi uma das que mais contribuíram para as seleções da FMRP-USP.

No basquete com o Jorjão e Scabello, que eram também da seleção universitária de São Paulo; no vôlei Scabello, Eu-Mafinha e Rui Barbosa; na natação Marcelão-Tchelão; no judô Massinha-Massakatsu; no xadrez Filé- Philbert; que também era da de tênis de mesa; no arremesso de dardo Clebão-Cleber; no tênis o Tchelão e o Rivera. E, no esporte mais popular o futebol, com Geraldo Paraventi e o Nicola. Das mulheres me lembro da Miriam Longo no xadrez, e a Maria Cecília toda uniformizada para alguma competição de atletismo?!? Mas não me lembro qual.

Tudo isso sem contar: com o Carlito e o Niltão que entraram conosco, e foram titulares absolutos da seleção de futebol de salão; do Ruizinho-Yamasaki que era vice-campeão brasileiro de kendô, e eu brincava que com uma vara na mão ninguém segurava ele, mas não havia essa modalidade nos jogos universitários. Ainda me lembro, que muitas vezes éramos chamados para participar de alguma competição, nos jogos universitários, porque faltava algum representante, como foi meu caso, na corrida de 100 metros rasos, mas depois eu conto.

E mais, que tínhamos o animador oficial-símbolo da torcida da Faculdade: o Ludô- Évora.

Por tudo isso se vê que em termos de Espírito e modalidades estávamos mais que bem servidos-representados.

## **NA CAVA DO BOSQUE PALCO DOS JOGOS DE FUTEBOL DE SALÃO, BASQUETE E VÔLEI**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Em relação ao vôlei pouco tenho a falar pois apesar de fazer parte da seleção, nunca conseguimos ser campeões pois na época entrou para a Odonto um jogador da cidade de Santos que fazia parte da seleção brasileira, e por mais que nos esforçássemos, nunca conseguíamos ganhar dela- Odonto. Além de ser um esporte de equipe, que exige muito treinamento para entrosamento, o que pouco fazíamos, quando muito nas0 vésperas dos jogos e de forma incipiente- incompleta, daí,

que por todos esses motivos –desculpas?!-, nunca fomos campeões, por mais que eu e Barbosinha nos esforçássemos, por mais que a torcida nos animasse.

Mas conseguimos ganhar medalhas de 2º e 3os lugares, e uma inesquecível quando fomos fazer uma apresentação numa cidade vizinha – Cravinhos?!-e conseguimos ganhar da seleção local, com direito a medalhas e muita bebida- farra.

De todo modo era emocionante jogar na Cava cheia, com as torcidas vibrando, vaiando, aplaudindo, sempre aos gritos...uma energia única e inesquecível. Mesmo com a vergonha de ser o único em quadra jogando de óculos, disfarçado com uma fita grossa de elástico que dava impressão de “testeira” que os hippies usavam na época.

No basquete quase sempre ganhamos. Tivemos jogos emocionantes, que certamente o apoio da torcida, sempre comandada pelo Ludô, fez a diferença. E o Scabello e o Jorjão sempre foram figuras de destaque na seleção.

Lembro-me de uma partida, não na Cava, mas uma disputa de um Campeonato Estadual de Seleções Universitárias, acho que em Botucatu, que pra variar nós do vôlei perdemos logo, mas que o basquete, jogou a decisão contra, na época, a Paulista, que tinha jogadores da seleção brasileira- Menon e Tozzi, e mesmo assim conseguimos ganhar, com Jorjão e Scabello, dando um show de raça e habilidade.

Mas, voltando, o emocionante mesmo, quando a torcida ficava louca, com bandeiras gritos, palavras de ordem, etc... era no futebol de salão... como se a Cava viesse abaixo!



E, aí fazia mesmo a diferença a nossa torcida, e a buzina do Ludô. Ela dava o tom – comandava toda nossa galera-, e certamente nos jogos mais difíceis ela foi decisiva. Ainda me lembro de quando já pro final do curso, quando abriu a Faculdade de Educação Física, onde muitos dos alunos eram profissionais ou semi, e que começaram a ganhar em quase todas as modalidades... pois só faziam aquilo! Então ganhar da Medicina no futebol de salão era quase que uma questão de honra, e numa final, perto de sangrenta, em que estivemos pertos de perder o jogo, certamente a nossa torcida foi o diferencial pra darmos a virada e gloriamente vencermos o jogo ... e contra a Educação Física!

E tome comemorações, porres e...

“ -... é ferro nela, é ferro nela”; “ -...viajando, lá lá lá lá”

## **UM CAUSO ESPORTIVO PESSOAL REGADO A ORGULHO E AUTOESTIMA**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Na Recreativa, clube tradicional e dos ricos de Ribeirão, nós pobres mortais só entrávamos, quando havia algum baile da faculdade, ou quando havia os Jogos Universitários, pois alguns jogos de atletismo eram disputados lá. É claro que havia a chance de entrar se conquistássemos alguma namorada que fosse sócia, e os pais fossem com nossa cara...nunca foi meu caso!

Bem, então, num desses Jogos, estava eu na Recreativa, assistindo e torcendo por alguns colegas como o Clebão, que participava de lançamento de dardos, e ele era bom nisso. Na época ele fazia isso com as mãos, depois, que se tornou ortopedista, dizem as más línguas, que ele começou a fazer os lançamentos com a "garganta". Brincadeira, até porque o Clebão, eu gostava muito, chegando a ser meu padrinho, e eu quase dele...mas é uma outra estória-causo... que depois eu conto.

Dizia, estava eu, lá na Recra, curtindo o ambiente, quando me chamam pra participar de uma corrida de 100 metros rasos, pois não tinha ninguém pra representar a Medicina. Na época era melhor colocar alguém participando, pois se não se perdia muitos pontos. Daí que por mais que tentasse argumentar que eu não tinha "nem preparo, nem merecimento", não teve jeito.

E, lá fui eu, com meus tênis de passeio, que não tinham nada a ver, me arrumaram uma camiseta da Medicina. Vou para o meu posto e observo: os meus competidores, estão com sapatilhas com cravos, arrumando aqueles "negócios" que servem pra dar impulso na largada, que eu nunca tinha visto e nem sabia como enfia-los no chão, nem onde!... Sentindo-me mais ou menos como um neófito amador competindo com o Usains Bolts. Peço ajuda a um deles que me olha com certo desdém, e me ajuda com cara de quem imagina que por mais que me ajudasse, eu não sairia do lugar...que eu não teria a menor chance.

Todos a postos!!! Concentro-me o máximo que posso. Largada!!! Parto que nem um louco, dou uma olhada e estou em segundo lugar... me animo e vou tentar aumentar a velocidade. Um grito!... Parem!!! Podem voltar! Queimaram a largada! Daí eu volto, já sem força, com as pernas tremendo, sem controle, e mais cabisbaixo ainda para a próxima. Com a

nova largada, parto em último, e com muito esforço e energia vindos não sei de onde, consigo chegar em penúltimo.

Bem, a Medicina foi representada e não perdemos os pontos! E eu ganhei alguns, para minha necessitada autoestima.

## **OS APELIDOS “GENÉRICOS”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Os anos 60-70 nos pegaram - levaram no meio de uma revolução social – sexual. Ecos do que vivia o mundo, principalmente ocidental, e, de toda uma história feita as custas de “sangue, suor, desprazeres e lágrimas” Dentro dela a liberação de costumes, e mais profundamente, a feminina. A “pílula” como símbolo de uma mulher que podia fazer sexo sem medo de engravidar, de mulheres que podiam controlar o número de filhos sem tantas dificuldades nem tantos abortos, e entrar no mercado de trabalho. Nossas mães, a maioria, não trabalharam fora de casa.

A maior liberdade do sexo como prazer, e não apenas como reprodução, e a Igreja também tendo que passar por diversas mudanças. A virgindade passando não ser mais um documento para catalogar as mulheres como de “família” e poderem ser consideradas “sérias” aptas pro casamento. Só pra mostrar um pouco do quanto todas essas mudanças eram, justamente, necessárias, mas por outro lado o quanto nossas amigas-colegas tiveram que se adaptar – mudar, e com

que rapidez. E, nós homens vindo de um sistema muito machista, o quanto perdidamente tivemos que lidar com todas essas inevitáveis e incontroláveis mudanças. Isso tudo sem contar com as revoluções sociais culturais que nos envolviam por todos os lados-cantos.

Essa breve - incompleta introdução tem a ver com, pode ajudar a entender, um grupo de colegas com apelido que eu chamaria de temporário, pois os pertencentes a esse grupo variavam de pessoas e de épocas. De pessoas porque uns saíam, outros entravam, e de época porque geralmente quando um, por exemplo, arrumava uma namorada geralmente saía dele.

Eram “os GCs” ou pra quem não lembra os Guarda Cabaços, como designados os colegas que se aproximavam, frequentemente por amizade, das nossas colegas, mas vezes, por outros motivos, conversavam, saíam, se reuniam até em festas nas republicas com elas, mas a relação não evoluía, ou porque só quisessem amizade, ou porque já tinham namoradas, ou por incompetência mesmo de conquista-las. Mas, que de alguma forma impediam que os outros colegas, mais “mal-intencionados” ou era assim que estes se achavam. Estes achavam que os GCs “não deixavam” que eles ou outros mais desejosos, conseguissem chegar mais perto- intimamente, tomassem a frente... no mínimo, delas ...E mais, toda agonia do tempo que passava tão rápido!

Desse grupo me lembro que fizeram parte o Tone, o Panutti, Nelson, Didi, Tolo e... etc... agora, não me lembro quem mais, mas sei que tinha. Acho que até eu em algum momento... pelo primeiro e último motivo...a depender da amiga.

O outro apelido de grupo e também variável era o dos “Bocas Negras”, só que diferentemente dos GCs, só variava pra aumentar. Eram aqueles

que tinham a língua ferina, e mais o conhecimento de tudo que acontecia nos bastidores da turma, do fato mais banal, ao acontecimento mais íntimo, mesmo que não tivesse acontecido, ...mas estava pra acontecer. E é claro que eles precisavam das fontes, que muitas vezes eram os GCs. E aí virava quase uma organização com hierarquia e tudo mais. Havia: os postulantes –em treinamento--□ os meio BN □ BN oficial. Desse grupo, que me lembro, faziam parte o Julinho, Scabello, Jorjão, Gomão, Brigué ...e claro que muito mais que não me lembro agora. O lema deles “ Eu sou, mas quem não é”, que não deixa de ser uma verdade. Eu ...continuo em treinamento!

Finalmente queria lembrar daqueles apelidos que eram pra existir e não foram. Por exemplo imagino que o Breno com todo aquele jeito de “marcha lenta” dele deve ter tido algum, mas não me lembro. Dele com uma “calma irritante”. De uma bondade imensa...nunca ouvi o Breno falar mal de alguém a não ser que o assunto fosse política. Como também o Arruda, com seu cachimbo, seu avental branco de monitor de anatomia, toda sua fleuma... Um “mini Cruz” pode ter tido algum, mas também não me lembro dele ter recebido.

## **JULINHO VOLTARELLI “O DEFICIENTE...”**

**Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Enquanto eu exercitava minha memória para os ensaios literários sobre os apelidos “específicos” e “genéricos”, saudosamente e pra não dizer

com certo “marejamento nos olhos” fui pensando nos colegas/amigos que nos deixaram há pouco tempo. O “Clebom”. O “Coitinho”. Mas eu queria mesmo era falar sobre o Julinho, que era pra ter tido algum apelido e não teve. Por um lado, valorizo a turma que nos apelidos pejorativos – apelativos, conseguiu se segurar e não divulgar... não insistir em chamar-“pegar”. E essa diferença entre pensar, até comentar e não agir faz muita diferença, e nossa turma tem esse diferencial. Mas, por outro lado, em relação ao Julinho, tem o mérito dele, que não permitiu que isso acontecesse, seja pela sua posição firme – enérgica, muitas vezes raiando a chatice-incomodo, seja, pelas suas atitudes, que lhe exigiam grandes esforços-coragem, reconhecidas e respeitadas, mesmo que nem sempre aceitas, por toda turma. Como exemplos: sua participação política, e nos nossos jogos de futebol. Ele tinha o que o poeta cantou “uma ira santa”, que muitas vezes, como disse, incomodava, mas que com tempo foi se tornando menos irada e mais santa,

Nos últimos tempos ele conseguia até brincar-rir com sua dificuldade. Pra quem não ouviu reproduzo uma história que ele contava nas rodas dos nossos últimos encontros “-Ele andava pelos EUA num daqueles cursos de pós pós pós que ele de vez em quando fazia. Então, numa folga, foi jogar tênis, esporte que ele jogava muito bem como duplista. E eu tive o imenso prazer de jogar com ele, na minha estada em ribeirão durante minha pós. Além disso conhecer seus amigos, não médicos – nem professores universitários, de longa data, com quem jogava nos finais de semana e depois tomarmos umas e outras... e conversarmos sobre a vida...a nossa – e sem boca negrice...só um pouquinho-. Voltando, chega o Julinho no clube estaciona seu carro num estacionamento superlotado, e no local privativo para deficientes. E,

quando volta do jogo, todo suado, com a toalha no pescoço, todo serelepe, encontra duas senhoras, que deviam ter tido muita dificuldade de estacionar, quando olham pro jeito dele, o encaram iradas e ficam apontando pra "placa de deficiente", como se ele estivesse cometendo um pecado mortal. Daí ele tranquilamente, olha pra velhas iradas e fica apontando pra sua própria cabeça dizendo "- Mental, Mental, Mental..." pra pasmo das velhotas.

Enfim, uma pessoa como o Julinho, com a sabedoria que sofridamente aprendeu, estava pronto pra outros planos. Ao Julinho minha respeitosa homenagem ...minha saudade.

Bem pessoal, cheguei ao fim da minha memória - contribuição quanto aos apelidos. Aguardo novas contribuições, como também a do Antonio Sérgio – Patrimônio, que promete ser "pesada" e que tenhamos um pouco da sabedoria do Julinho pra recebe-la.

## **PERO... E LAS VIAS...**

**Paulo Roberto B. Évora (Ludô)**

Oswaldo Humeres Reynaga tinha nacionalidade boliviana, com um biótipo indígena de fazer inveja a um Evo Morales ou Hugo Chaves. Nós o "herdamos" da XV Turma.

Mudou-se da Casa do Estudante depois do Tielão, aos berros de "MORTE AOS GRINGOS", arremessar um dardo em direção a ele. Dizem as testemunhas que mal deu tempo dele se atirar para dentro do

quarto com o dardo se encravando na “sólida” parede do final do corredor. A parede merece um destaque de sua estrutura...Um mistério... A hipótese mais aceita é de que se tratava de uma liga de bosta de vaca com capim, motivada pelo “know how” adquirido em Cássia dos Coqueiros.

Nas aulas de Neuroanatomia e Neurofisiologia, com a cara de gênio, interrompia a aula a todo o momento com a dúvida: “Pero...E las vias???” Tudo dependia de “las vias”, no que ele estava absolutamente certo. Como não o localizamos para nossas festas comemorativas, não sabemos se ele encontrou respostas para “las vias”, eu suponho que não, e nem é preciso ressaltar a origem do apelido, não??

O Las Vias era brilhante... certo dia atendendo ambulatório ele pega uma pasta e a plenos pulmões chama o paciente: MÁRQUES DE POMBAAL!! MÁRQUES DE POMBAAL!! E nada. Ele estava se preparando para chamar outro paciente quando a auxiliar de enfermagem o avisou que ele estava chamando o paciente pelo nome da rua. “Doutor, é MARQUÊS DE POMBAL ...

Mas, o Las Vias se superou quando o Prof. Laure perguntou a ele “O que é PH?? Relembrando a cena me vem a hipótese que o Las Vias não tinha bunda, ele se sentava com as costas, totalmente “escarrapachado”. Pois bem, nessa posição ele deu a mais notável resposta à pergunta “O que é PH? ”

“ Professor, ny Barnard, ny Houssay, ny Covian, ny Rocha e Silva sabe o que és PH, jo que voy a saber??

Era 1968, Christian Barnard, havia realizado o primeiro transplante cardíaco havia visitado a nossa faculdade na semana anterior e morreu



sem tomar conhecimento de uma das mais fascinantes homenagens prestadas a ele.

## **XVI – SOCIAIS I**

### **Carlos Henrique Falcão Tavares (“Mafinha”)**

Esse caso realmente vai precisar do apoio memorial de muitos (as) colegas, já que não tenho tomado mais “memoriol” (não faz mais efeito!), não só para complementar os furos de minha lembrança como os de minha perspectiva.

Vou relembrar um pouco dos nossos bailes (melhor conhecidos como “Brincadeira Dançante” ou, simplesmente, “Brincadeira”) do Centro Acadêmico.

Nos finais de semana havia uma “maratona” de bailes: os do Direito, nas sextas feiras? Que se não me engano era numa casa com nome italiano ?? Se não me engano na rua São Sebastião; e, nos sábados o da Filosofia que não me lembro mais do local.

É bom lembrar que esses bailes além de terem garantido grande, necessária e bem-vinda presença feminina, eram até por sua agenda semanal: ponto de encontro para um final de noite para alguns; local de paquera, com todas as possíveis consequências como namoro e até amassos explícitos, para outros; e/ou extravasamento ou “invasamento” para outros tantos muitos.

O do nosso do Centro Acadêmico da Medicina era aos domingos, na Visconde de Inhaúma, lá em cima próximo da Praça Camões. Algumas características: tinha a presença de muitas mulheres, e algumas, que compareciam sempre, tinham a pecha de pertencerem à ASMA –Agarre Seu Médico Agora\* –

\*A ASMA segundo uma lenda urbana, era uma associação, fundada por um grupo de moçoilas, apoiadas pelos pais, numa época em que os jogadores de futebol, não ganhavam tanto dinheiro. Nem políticos e seus filhos, muito menos cantores sertanejos eram bons partidos. Os médicos ainda tinham bons empregos, ainda não havia a concorrência dos “cubanos!!”, enfim eram um bom partido para casamentos! Essa associação, a ASMA, “farejava” estudantes, onde estivessem, e quanto mais fragilizados melhor, daí os locais onde baixa iluminação, bebidas rolando, e uma envolvente música de fundo, era uma situação ideal para seus objetivos. Logo, os bailes em nosso Centro Acadêmico, com todas as características citadas, eram um momento quase utópico!

Voltando, as colegas de curso, inclusive as da nossa turma, que eu me lembre, pouco participavam desses bailes. Motivos??!! Só sei que as da ASMA, ficavam meio marcadas-carimbadas, o que fez com que colegas, que por vezes se apaixonavam por uma delas, não tivessem coragem de levar a frente o romance. Elas eram mais “atiradas” desde o sentido de serem mais facilmente “conquistadas”, como “amassadas”. Como conheci algumas delas, hoje, vejo como fomos preconceituosos. E, nós assim que entramos na faculdade, que, como calouros, éramos obrigados a usar aquela ridícula e “discreta” boina amarela. Embora tradicional até os dias atuais, a chamativa boina amarela, identificava alvos preferenciais, assim dizia a lenda, daquelas garotas.

A música. Ah a música!! O conjunto era o New Boys cujo bandleader, o Wagner era de uma turma anterior a nossa. Com seu pequeno conjunto, que incluía o irmão William, conseguia fazer um som que lembrava desde o Ray Conniff até o do Sylvio Mazzuca. Uma música que facilitava um maior e mais íntimo contato com nossas parceiras dançantes. O William, que veio a ser aluno da FMRP, infelizmente, faleceu em um desastre automobilístico. Foram memoráveis interpretações do William: Bridge of Trouble Waters (Simon & Garfunkel) e o Antonico do Ismael Silva (sempre dedicada ao Ludô que muitas, vezes banhado de lágrimas etílicas, dizia tratar-se do maior hino à amizade...” Faça por ele como se fosse por mim”)

As mesas, eram ocupadas pelos colegas que tinham mais dinheiro, e pelos formandos, geralmente já todos bem instalados, inclusive com namoradas, noivas, etc... nos enchiam de inveja, a mim pelo menos.

Sobre os extravasamentos, alguns que resolviam participar deles - dar algum show especial, e geralmente acontecendo já no final da festa, apesar deles, não me lembro de nenhuma briga importante?

Quanto aos “invasamentos”, prelúdio de muitos extravasamentos, lembro de ter participado de alguns já mais pro final do curso, e quando já morávamos na cidade, pois era mais fácil voltar pra casa. Por falar em “invasamentos”, não podemos esquecer do nosso querido lulo Baraúna, nosso maior representante, presente a quase todos eles.

A volta, depois de uma noite de invasamentos- amassos, muita bebida e muito tesão, voltar para Casa do Estudante era uma aventura, já que não havia mais ônibus. Muitas vezes combinávamos com os colegas que preferiam ser mais diretos - objetivos e iam pra zona. Encontrávamo-nos na Praça XV, onde havia um ponto de táxi. Disse

que era uma aventura, pois tínhamos que ter um número de pessoas razoável, pois já tínhamos gasto nosso dinheiro no baile, e o trajeto até a Praça XV era doloroso, pois nossos sacos estavam, frequentemente, inchados de tanto tesão, urgentemente entumecidos, dos nossos espermas e outros humores criticamente represados, uma dor como se fosse um chute nas bolas, só que dado por dentro! Olha a ASMA aí de novo! Não posso me esquecer do nosso saudoso – querido Paraventi, quando já morávamos na cidade, chegando na república, sentando num bidé fazendo sedativos “tapas no palhaço”. Massageando as partes baixas...gemendo e blasfemando...gemendo e blasfemando.

Não podemos esquecer que na absoluta falta de dinheiro para o táxi, ou quando os taxistas se recusavam a nos levar, o Paraventi e o Ludô aprontavam uma gritaria até aparecer um camburão da polícia que nos levava de volta para a Casa do Estudante. Esse recurso tornou-se, praticamente, uma rotina. Naquela época a boina amarela tinha prestígio...

Mas, no próximo domingo: ó nós aqui travêis!!!

## **XVI Turma “REPÚBLICAS”**

**Carlos Henrique falcão Tavares (Mafinha)**

As repúblicas =coisa pública, tinham pouco de público, principalmente em relação as partes públicas, mas sem dúvida eram escolhidas pelos seus cidadãos que se escolhiam por terem algo em comum, nem que

fosse a necessidade de sair da casa do estudante ou até para dividirem a despesas para viver em Ribeirão. E, realmente não tinham monarcas, quando muito líderes que podiam se revezar dependendo da situação.

Geralmente se tornavam públicas quando algum escândalo, geralmente privado, extravasava seus limites. O que não era incomum, e em algumas até frequente.

Essa introdução para dizer:

Já que ninguém ainda deu o ar da graça, começo pela minha-nossa, com coisas bem preliminares:

Local- ficava na rua Lafayette, número próximo aos mil quatrocentos e pouco em diagonal com a praça sete de setembro. Ela foi conseguida numa negociação direta com a dona pois na época não era tão fácil estudantes alugarem casas em ribeirão, havia até um senhor- um negro alto de óculos que não me lembro o nome- responsável pela gerência de uma das imobiliárias que era contra alugar à estudantes, até muitas provas em contrário. Bem a d. Maria era uma senhora muito bondosa – compreensiva que morava na frente da casa, junto com um irmão também idoso. E, nos fundos, passando por um corredor comprido, em que a parede esquerda limitava-margeava a casa da dona – Maria -. No final dele ficavam duas entradas-casas, em que uma, a direita foi alugada à nós e a da esquerda, posteriormente, pra república do Nelsinho Nakamura, Shiguê, etc... nossos calouros.

Algumas repúblicas podiam se achar “o ó do borogodó”, a nossa tinha forma de U invertido, seria como “o u do curucucu”. Tinha uma entrada, uma porta, que dava para um corredor de entrada onde ficava à direita o quarto do Sérgio Moricazu Miyazato, seguindo ficava uma sala, daí virando à direita, a perna descendente do U invertido, o quarto meu e do

Hélio Bacchin e no final do corredor o quarto maior onde moravam os Geraldos Paraventi e Felipe-Tatuzinho e o Dietrich – Alemão. No espaço-meio do U ficava um quintal. Quando sai da casa entrou o Rubens Feferbaum.

Uma república bem eclética, mundana... inter-nacional-racial.

## **A DUPLA FACE DA REPÚBLICA DA SETE – “Um caso de polícia...”**

**Antônio Waldo Zuardi**

Durante todo o Curso, morei numa republica na Rua Sete de Setembro, poucos metros abaixo da Rua Duque de Caxias. Era uma casa pequena e “geminada”, ou seja, separada da casa do fundo por uma parede simples, de tal forma que todos os nossos ruídos eram compartilhados com a família que vivia na outra casa. A população dessa república foi mudando com o tempo e, na época desse ocorrido, morávamos em cinco: da nossa turma, o guatemalteco Daniel Cardonna e eu, dois veteranos da XV e um calouro da XVII. Vivíamos os anos de chumbo da ditadura e, como alguns de nós estavam envolvidos com a política estudantil, tínhamos o “gentil” convite para visitarmos a delegacia ou alguma instância ainda pior do regime.

Num sábado à noite, fui ao cinema e voltava tranquilamente, quando ao virar a esquina vi uma viatura estacionada e um policial no

portão. Meu pânico completou-se quando, ao fazer menção de entrar ouvi:

- “ Você mora aqui? A casa está interditada e você precisa ir imediatamente para a delegacia. ”

Os poucos quartos até a delegacia da Duque de Caxias, foram repletos dos mais tenebrosos pensamentos: quem “caiu” (termo utilizado na época para quem era preso por motivos políticos)? Acharam algum documento comprometedor? Apreenderam os livros políticos? ...

Ao chegar na delegacia fui conduzido a uma sala, onde já estavam os outros quatro companheiros. A presença de policiais na sala, sugeria, pelo bom senso, que não devíamos nos comunicar, pois qualquer palavra poderia ser usada contra nós.

O silêncio “ensurdecedor “ foi quebrado pela intempestiva entrada do delegado, que com os olhos fixos em nós, deu um murro na mesa e disse:

“ Onde vocês esconderam as meninas? O alívio dos cinco foi instantâneo e deve ter sido percebido pelo delegado, que ainda mais irritado disse:

“ Vocês não brinquem comigo. O vizinho viu as meninas entrarem.

“Como vocês não abriram a porta precisamos arrombar. Onde vocês se esconderam e esconderam as meninas? ”

Foi inútil argumentarmos que nenhum de nós estava em casa nessa noite e que não tínhamos a mínima ideia do que havia ocorrido. Depois

de algum tempo desse diálogo de surdos, o delegado entregou os pontos:

- “ Não sei se fugiram pelo telhado ou por algum outro maldito esconderijo. Só sei que da próxima vez vocês não escaparão, podem sair”.

Voltamos aliviados, mas perplexos, porque todos juravam não estar em casa e não saber o que tinha ocorrido. Em pouco tempo tudo se esclareceu.

A porta de entrada da república era separada da rua por um pequeno corredor e um portão de barras de ferro. Para substituir a fechadura quebrada do portão, enrolávamos suas duas faces com uma corrente presa a um cadeado, que com o tempo também quebrou e passou a ser uma peça decorativa. As “meninas” que, eventualmente visitavam a república, sabiam disso e nesse dia entraram, com a algazarra habitual, levando o vizinho a ligar para a polícia. Ao perceberem que a porta estava fechada e que não havia ninguém, foram embora, sem que o vizinho enfurecido se dessa conta.

## **CASA DO ESTUDANTE SEUS QUARTOS E OCUPANTES**

**Carlos Henrique Tavares (Mafinha)**

Bem, já que não frutificou a ideia de aparecer novas contribuições sobre as Repúblicas da XVI: ou porque as pessoas não tenham muito pra



contar, o que acho o menos provável; ou porque o que tem pra contar seja muito comprometedor, o que talvez seja o mais provável, ou porque os amigos(as) ainda estão muito ativamente ocupados(as) com coisas mais sérias. Então, volto pra Casa do Estudante, agora com o tema dos quartos, seus ocupantes e particularidades.

Como já tentei descrever anteriormente, cada quarto era menos do que hoje se chamaria uma quitinete: uma porta que vinha de um corredor, que geralmente era fechada com um trinco e geralmente uma fechadura pra mais segurança, daí, havia um espaço pra uma cama, de solteiro!, uma escrivaninha em frente, acima umas prateleiras cujo número dependia das condições, inclusive financeiras de seu ocupante; um espaço pra uma cabeceira-criado mudo, nos pés da cama ficava embutido um armário que fazia volume no corredor, dando de fora uma sensação de “hall” de entrada para cada quarto,. Entre a cama e a mesa-escrivaninha um espaço-corredor pra gente transitar.

Fora esse básico, os colchões eram por conta de cada um, e geralmente comprados ou do ocupante anterior, que dependendo dele era preocupante, ou o mais comum do seo Pedro, que além dessa intermediação, fazia várias outras, desde conseguir as lavadeiras pras nossas roupas, como até outras menos digamos “familiares-republicanas”, como já contado-insinuado pelo texto do Patrimônio-Antônio Sérgio.

Nesse exíguo espaço, cada um construía, a seu modo, um jeito de viver, transformando, esse lugar em seu íntimo mundo. Não tão íntimo, já que as paredes, como já disse, eram feitas de um material tão permeável, que dava pra ouvir a respiração do vizinho, quanto mais os roncos! E muitas vezes até os pensamentos!!! Até hoje esse material é de composição desconhecida. O Ludô não tem dúvida que se tratava de

uma mistura de bosta de vaca com capim como as casas de peões em fazendas do Mato Grosso.

Então vou procurar lembrar alguns deles. Tinha o do Nogueira, que era da turma anterior, e que as vezes só mostrava, e quase não deixava ninguém entrar, porque tinha um maravilhoso sistema de som para a época; o do Dietrich com seu rádio imenso, que claro ocupava grande parte da mesa-escrivadinha, e que pegava estações até do exterior; o do Getúlio que mais parecia uma lavanderia, que na época era uma atividade muito típica da colônia japonesa, na minha infância em Sampa, os tintureiros japoneses, o qual já foi tão bem descrito pelo Patrimônio; o do Manuel Diogo pelo utensílio que o caracterizou o piNiquinho; do Rui Barbosa que era organizadíssimo; do Patrimônio que eu nunca entrei, e nem sei se mais alguém entrou?!

Não poderiam deixar de serem citados os quartos do Alemãozinho, o do Ludô e o meu próprio. O do Alemãozinho (XV Turma) tinha as paredes de bosta/capim ornamentada com belos quadros, ouvia-se música clássica e ele, pasmem, mandou aplicar sinteco no chão do seu cubículo. Ele só não pôde trocar as paredes de bosta/capim devido a alegações sobre o “projeto arquitetônico” e alguns alegavam que havia a questão do patrimônio histórico. O quarto do Ludô que hoje ele acha que poderia ser denominado de Faixa de Gaza, pois ficava entre os quartos do “Rei Mané” e do Vandola, mas essa é outra história... O quarto do Ludô, tinha um tapete velho que ele trouxe do Mato Grosso, mas as principais características era uma vitrolinha portátil Philips, comprada a prestações na A Modelar e garrafas de uísque cuja procedência era do tipo “la garantia soy jo”, pois a proveniência era do Paraguai e arrematados por um tio que era fiscal alfandegário; Tinha todos os discos do Ray Conniff, Miltinho, Chico, Bossa Nova, mas o LP mais

badalado era “Os grandes sucessos de Agostinho dos Santos” por causa das “Esmeralda” e do “Negue”. A até o Brigué vinha da cidade na calada da noite para usufruir da “Esmeralda” regada a um uísque “legítimo”.

E claro, havia o meu, que começou como quase todos os outros, mas... tornou-se nas palavras do Editor Ludô, “uma pocilga tropicalista” com varais no teto do “flat” onde predominavam cuecas, meias e algumas camisetas Hering. O que mais “encatiçava” os colegas é que entre as indumentárias encontravam-se penduradas cascas de laranja cuidadosamente descascadas. Só depois de 2 anos o meu quarto conseguiu um concorrente à altura, o quarto do Cabaninha, diante do qual o meu quarto parecia um aposento da rainha da Inglaterra.

Bem, quando fui pra Ribeirão recebi do meu querido e inesquecível padrinho do qual recebi o nome Carlos – Bastos: uma carta de apresentação pro Prof. Marcondes da Ortopedia, o qual morava em frente da Casa, e que ajudou, além da minha condição econômica, a conseguir uma vaga; e, o mais importante, ou tão importante um aparelho de som, que era uma caixa quadrada, de cor azul, que juntava, num só, um toca-discos e uma caixa de som. Este aparelhinho mudou minha vida! Eu que até então escutava em casa, num “console” que era um belo móvel, que incluía um toca-discos, rádio e caixa de som embutida. Tinha uns poucos, mas bons, discos que meu pai comprou, dos quais me lembro bem de duas cantoras: Morgana que tem uma das melhores interpretações de “Serenata do adeus “ do Vinícius de Moraes; e uma outra que não me lembro mais o nome, interpretando umas belas guarânicas. Ou, ouvia discos nas casas de meus amigos de “científico”, como de bossa nova, na do Claudio Rossi, irmão do Clovis da Folha de São Paulo; ou na do João Lauro, cujo pai era um grande apreciador de

jazz, como também cunhado do Fulvio Stefannini, ou ainda na casa do Paulo Jukemura, onde escutávamos mais bossa nova. Como estudávamos muito juntos aproveitava, em suas casas, pra ficar escutando os discos, enquanto eles...estudavam. Por isso, também que eles passaram no primeiro vestibular: o Claudio na Unicamp, se transformando num renomado radiologista em Sampa e o João em Sorocaba, um importante professor de patologia em Botucatu. O Paulo que era um nissei muito “louco” diferente, bom escritor de contos e poesia, passou junto comigo e se formou na Federal do Paraná.

Continuando, além disso, em casa ouvia muito rádio, naquele “console”?!?! E, eu ficava escutando os programas de bossa nova: o do Pica Pau apelido do radialista Walter Silva, que produziu vários shows de bossa nova; do Fausto Canova, e do Erlon Chaves, e muitas vezes escondido- driblando minha mãe, que exigia que estudássemos “falando em voz alta”, pra um maior controle dela!

Voltando, quando cheguei a Ribeirão, com meu aparelhinho de som, comecei a aventura, de começar a minha própria coleção de “bolachões”; economizava um pouco da parca mesada e ia comprando meus discos, na Discolar onde havia uma amável senhorinha que me ajudava com descontos e prazos e na Hedonê, que na época tinha uma boa e grande variedade de discos de jazz e bossa nova. Isso em Ribeirão. Em Sampa, sempre que eu ia, passava dias e horas de um mesmo dia, caminhando pelo Centro da cidade, até chegar à Rodoviária, entrando em todas as lojas procurando sebos e ofertas. Resumindo e contando com os que adquiri em Maceió, cheguei a ter por vota de 4.000 mil “bolachões”, que foram me acompanhando, sempre diminuindo, pelas minhas casas- mudanças.

**Nota do Editor Ludô** – Mafinha, não sei o porquê você “deletou” os tropicalistas. Pela segunda vez você esquece de quem você tratava como “Galzinha”. Provavelmente a cantora de guarânias da sua lembrança era a Gal Costa cantando “Índia” (aquela do sangue tupi...)

Mas em Ribeirão e na Casa do Estudante, e com minha mania de ir guardando coisas, não necessariamente ir arrumando coisas, o espaço foi ficando cada vez menor e a bagunça cada vez maior. Acrescente-se a essa mania, ou inclua-se, a de usar cascas de frutas pra “odorizar” o ambiente, me lembro que as de laranja, e mais raramente as de maçã davam, cheiro gotosíssimo - “um ecologista precoce-primitivo”-. E, juntando tudo isso, dá pra se imaginar o ambiente do meu quarto. O bom é que era um ponto de encontro em que os amigos ficavam à vontade- relaxados pra bagunçar, porque nada que se fizesse poderia deixar o quarto pior. Até que um dia alguns amigos, e acho que o Barbosinha estava no meio, resolveram me fazer uma surpresa ...

Arrumaram meu quarto!!!

E eu fiquei brincando com eles: dizia que estava p#\*# da vida ...porque não encontrava mais minhas coisas!!

Espero que depois dessas estórias, mais uma vez, os colegas lembrem de outras, de seus quartos, ou de outros que tiveram acesso, e o que eles tinham de particular, ou mesmo dos das suas s repúblicas, e contem, para que possamos compartilhar mais bons e saudosos momentos de nossas vidas.

# **A TRÍADE CLÍNICA DE BRIGUÉ. UMA PÉROLA DA FISIOPATOLOGIA**

**Paulo Roberto B. Évora (Ludô)**

Em 1970 demos adeus aos cursos básicos e iniciamos nossas atividades no Hospital das Clínicas (Atual Unidade de Emergência) e começamos a interagir com pacientes.

Em um feriado prolongado, daqueles que Ribeirão Preto se tornava uma cidade fantasma, voltei para casa (minha República na América Brasileira a meio quarteirão da Av. Independência) após ter passado o dia bebendo em companhia do Leopoldo Lima), uma das rotinas incorporadas à minha solidão dos grandes feriados (a outra rotina era filar boia na casa da Mariza, uma vez que a família Colicchio havia adotado eu e o Jorge Rivera). Por volta da meia noite toca a campainha, com toda a minha ressaca, dou uma olhadinha pelo vão da janela e vejo aquela imagem que tem me acompanhado pela vida toda: “O Gordini do Brigué...”. Diante de um leve sentimento de “to fudido”, abri a porta para meu pequeno grande amigo, disposto a deixá-lo à vontade enquanto eu voltava para o meu travesseiro.

O Brigué era de casa já passou a mão em um dos meus uísques “La garantia soi Jô”, e escolheu “ao acaso” o disco do Agostinho dos Santos e cantando a Esmeralda, conseguimos recapitular toda a nossa saga de “paqueradores pacas, pega picas” de repente o assunto virou para discussão clínica. Nesse momento, o Brigué, renovando o uísque e renovando a sonoplastia com a Esmeralda, sai com a seguinte pérola:

“Eu nunca deixo de responder a uma pergunta à beira do leito ou em prova sobre sintomas, eu cravo logo: ANOREXIA – NÁUSEAS E VÔMITOS (ANV) ” e mandava-me dar um exemplo. Diabete, Infarto do miocárdio, Sarna, Lepra... Tudo dava ANV.

Eu me lembro de que antes de apagar eu sugeri unha encravada e recebi a resposta “dói e dá anorexia, náuseas e vômitos. Paciente em coma após AVC, o Brigué no ato: “Dá ANV”. Pergunto: Como você sabe que ele tem anorexia se está em coma? Pronta resposta: “Ele não está comento e nem pedindo, logo tem anorexia”.

Acordei por volta das 10:00hs da manhã, o Gordini não estava mais estacionado, o disco rodando e do meu uísque sobraram não mais do que umas 3 a 4 doses. Mas valeu a pena por ter uma das melhores aulas de fisiopatologia da minha vida. Repassei a teoria para toda a XVI turma e acredito que nenhuma questão de clínica nunca mais ficou em branco.

## **O GLORIOSO GORDINI DO BRIGUÉ... MOVIDO ATÉ A CERVEJA**

**Paulo Roberto B. Évora (Ludô)**

Entre as glórias da XVI Turma não poderia faltar o “glorioso Gordini do Brigué. Alguns motivos incluem: 1) A polêmica cor (vermelho ?, marrom ?, vinho ? cereja ?...); 2) Ele atravessou os 6 anos do nosso curso; 3) Já era FLEX, pois conforme o preço o Brigué enchia o tanque com gasolina

e/ou álcool (“mets a mets”); 4) O maldito e constante problema com o “giglê” (até hoje não sei o que é essa porra) e 5) Deu pau na Mercedes do Carlito em estrada rural, e; 6) A quilometragem rodada na Avenida da Saudade.

Explico essa última. Incontáveis vezes o Brigué passava na minha república para irmos ao Postinho “pegar umas gatas para melhorar o nosso padrão”. Como sempre não pegávamos porra nenhuma e o glorioso nos conduzia “Saudade acima”...

Mas a motivação maior desse pequeno texto foi relatar um episódio inesquecível do glorioso. Após termos “pegado todas no postinho”, dirigimo-nos para a Avenida da Saudade. Antes de chegarmos ao Três Garçons, caiu um dilúvio em Ribeirão Preto. O Três Garçons estava fechando e, por esse motivo prosseguimos até a Alta Mogiana, que na época não era asfaltada. Aí o “inusitado” ocorreu: o Glorioso parou no meio da lama. No ato: “É o giglê e, Ludô, você vai ter que soprar senão não saímos daqui”. A essas alturas tive a sensação de que a Arca de Noé tinha virado na próxima esquina. Parti para o sacrifício e soprei o giglê por mais de meia hora.

- Brigué, não está funcionando.

- Continua soprando, acho que está molhado...

- Brigué, você checkou a água da bateria?

- É claro!

- Tirei as tampinhas da bateria... Fumaça...

- Bati em uma das casas “familiares” e tomei uma portada na cara. Provavelmente pelo meu estado e, a essas alturas, pela minha expressão demoníaca. A essas alturas eu estava tão puto que andei,



melhor nadei até um boteco para arranjar água para pôr na bateria. Não se enxergava nada, mas chegando ao boteco, ouço ao longe

- Ludô, é o giglê e tem que soprar...

Para quem tinha saído para “pegar todas no postinho’ foi a gota d’água. Comprei uma Brahma, nadei de volta, enchi a bateria com a cerveja, o glorioso manifestou sinal de vida, dei uma empurradinha, pegou e voltamos para a minha república onde matamos mais uma garrafa de “uísque legítimo” som da Esmeralda;

No momento que concluo esse texto, me ocorre que eu deveria mandar fazer uma plástica de minha papada e mandar a conta para o Briguê. Com certeza, além da minha genética, “soprar o giglê” foi o maior fator adquirido da minha papada.

## **ALGUMAS “VINHETAS”**

**Paulo Roberto B. Évora (Ludô)**

Esse texto tem o objetivo de um “jogo rápido” sobre algumas ocorrências rápidas dignas de serem perpetuadas em função da preservação do bom humor da XVI turma da FMRP-USP. Algumas pelas suas peculiaridades foram apresentadas sob a forma de crônica. Tentarei manter certa ordem cronológica...

---

---

1. O curso de Citologia, ministrado pelo Prof. Sawaia, recebeu o Prof. Newton Freire-Maia que por mais de duas horas falou sobre a estrutura do cromossoma, ressaltando o “puff” cromossômico. Aula seguinte o Prof. Sawaia projeta uma estrutura e pergunta no seu estilo “Ermãos, que estrutura é essa, silêncio total, até que um dos calouros, o Sergio Lehfeld, com a sua característica de sábio (testa franzida) estufa o peito e responde:

- Professor, não seria o Paff (English accent)?

Pronto, estava arraigado o mais forte apelido da nossa turma: “SERGIO PUFÍ”. Digo que esse foi o mais arraigado apelido, porque o Pradinho, durante um almoço no restaurante do HC, relatou que a Neide (esposa do Sergio) estava em um telefonema tentando se identificar como Neide Lehfeld e diante da dificuldade não teve dúvida:

- É a Neide Pufi

- Ah, bãõ!!

---

2. Ainda no Curso de Citologia, o Prof. Sawaia passa uma aula inteira falando sobre a coloração do DNA com o reativo de Feulgen. Põe uma lâmina no primeiro microscópio das bancadas e pergunta

- Ermão o que você está vendo?

- O Brigué dá uma olhada pensa um pouco e responde “ Professor, eu estou vendo algumas hemácias”.

O Prof. Sawaia foi acometido de uma fúria que pensamos até que ele ia pular no pescoço do Brigué e, após incontáveis impropérios:

- O cidadão passa uma vida inteira em busca de uma obra prima para um Cerveira qualquer vir chamar o DNA de hemáceas.

---

E mais uma digna de nota ainda no Curso de Citologia. O Geraldinho Paraventi, dormindo agarrado a uma cortina no fundo do anfiteatro, acordou e para mostrar que estava prestando atenção resmungou com sua tonitruante voz italiana: AHAAAANN!!! Nesse momento o Prof. Sawaia interrompeu a aula...

- Quem mugiu?? Ou é um engraçadinho, ou é uma vaca... diante do silêncio conclui: - É uma vaca.

O Paraventi se apresenta dizendo que ele não mugiu só falou AHAAAANN!!!

- O senhor é representante da turma, não tem cara de vaca e está honradamente querendo assumir a culpa,

RESULTADO: A XVI na história da FMRP foi a única turma a ser suspensa por uma semana por causa de um mugido.

---

Reprise por ser uma das mais hilariantes vinhetas ocorreu no Curso de Bioquímica. Mas, o Las Vias se superou quando o Prof. Laure perguntou a ele "O que é PH?? Relembrando a cena me vem a hipótese que o Las Vias não tinha bunda, ele se sentava com as costas, totalmente

“escarrapachado” Pois bem, nessa posição ele deu a mais notável resposta à pergunta “O que é PH? ”

“ Professor, ni Barnard, ni Houssay, ni Covian, ni Rocha e Silva sabe o que és PH, jo que voy a saber??

---

Curso de Imunologia. O Prof. Solé-Vernin dá a aula sobre Complemento com um Hamster na mão pela importância desse animal de experimentação e na prova vem a seguinte pergunta:

- Você já viu um hamster?

- Resposta do Sidão: Não, pois eu estava sentado na última fileira, sou míope e o animalzinho era muito pequeno.

Resposta considerada certa.

---

Aula de fisiopatologia das doenças endócrinas, discutindo sobre a função tireoidiana, Prof. Ulisses Menegheli pergunta para o lulo Baraúna:

- O que é PBI

- lulo: “Prova de Bistrução Intestinal”

- O senhor se retire...

---

O Las Vias era brilhante... certo dia atendendo ambulatório ele pega uma pasta e a plenos pulmões chama o paciente: MÁRQUES DE

POMBAAAL!! MÁRQUES DE POMBAAAL!! E nada. Ele estava se preparando para chamar outro paciente quando a auxiliar de enfermagem o avisou que ele estava chamando o paciente pelo nome da rua. “Doutor, é MARQUÊS DE POMBAL ...

---

Na prova oral de Medicina Preventiva a nota mínima foi estabelecida em 3,0 (exatamente a nota do Brigué). Nota zero sobre questões de Tábuas de Vida. Nota zero sobre epidemiologia da Tuberculose com o Prof. Rufino e, finalmente, é examinado pelo Prof. Teruel, que ao ver as duas notas precedentes, conta a clássica história de uma criança que foi mordida por um cão raivoso que babava. O diagnóstico é confirmado, o professor diz que a criança precisa fazer uso de soro antirrábico, e como única pergunta quer saber quantas doses do soro são necessárias, e o Brigué responde com convicção:

- Uma dose!

- Se você respondesse 10, 30, 50 até seria compreensível, mas 1 única dose??!!

- “Pera aí Professor, UMA DAS FORTE...”

---

Baile do Rubi da Faculdade de Direito, uma rodinha de alunos da XVI e alguns conhecidos da cidade...Passa uma graciosa garota, distribui de passagem beijinhos para todos;;;

Pedro Bala pergunta: “Quem é a biscate?”

Um dos presentes na rodinha: “Minha irmã!”

---

Aula de Patologia com o Prof. Galina, como sempre falando sobre tudo, começa a discorrer sobre o vômito. À certa altura dirige-se ao Arruda (que havia sido monitor da Neuroanatomia) e pergunta:

- Arruda, você poderia citar um exemplo de causa do vômito?

Professor, poderíamos pensar em uma obstrução dos forames de Luschka e Magendie?

Segue-se um acesso de riso do Newton Benevenuto, que estava sentado na carteira ao lado do Arruda, e o olhar de admiração de todos os colegas diante da erudição da resposta. O Prof. Galina conclui:

Poderia ser um objeto estranho na orofaringe, como por exemplo um dedo na goela.

---

Prova de Patologia macroscópica, Davzinho Aoki com a testa franzida, diante de um baita megacolo...Passa o Prof. Koeberle em companhia do Prof. João Samuel e com grande admiração diz com seu sotaque germânico:

- Mas que brutas vesícula

Davzinho no ato crava: MEGAVESÍCULA, e muda de peça.

## PEDRO BALA E A MAÇANETA –

### UM CAUSO ESCATOLÓGICO VISTO DE FORA

Paulo Roberto B. Évora (Ludô)

*Escatologia é uma palavra de origem grega εσχρατος, cuja nomenclatura significa “último”, ou seja, é o estudo do último ou os acontecimentos do fim do mundo enquanto objeto físico e também da própria humanidade. A palavra escatologia sempre remete ao caminho e/ou proximidade do fim, o qual desafia a compreensão racional. Ainda que exista essa concepção quanto à finalidade da existência do mundo e das pessoas, a palavra Escatologia pode se referir ao ato de analisar excrementos, ou seja, de fezes uma vez que, é um sinônimo da palavra copologia que se ocupa do exame laboratorial dos dejetos humanos para verificar se há, por exemplo, a presença de bactérias que provocam doenças. Por outro lado, há ainda a compreensão da palavra em seu sentido figurado que denota o interesse e gosto pessoal por coisas que são consideradas sórdidas ou obscenas. Tal sentido possui uma explicação em sua variação linguística, já que o termo grego skatós é o mesmo que “excremento” e por isso o mesmo é tomado com tal significado. Estas explicações iniciais têm o objetivo de aplicar algum grau de erudição ao presente repugnante e fétido caso.*

Gavião Peixoto era uma pequena cidade, melhor explicando, era um pequeno lugarejo situado perto de Araraquara. Tinha uma adorável população que, pela afetividade lembrava os personagens do maravilhoso Cinema Paradiso filme autobiográfico do cineasta italiano

Giuseppe Tornatore. Só que Gavião Peixoto não tinha cinema e quase toda a comunidade morava em casas próprias construídas em torno de uma agradável praça arborizada. Gavião Peixoto é atualmente a sede da maior fábrica da EMBRAER.

Corria o ano de 1972, ano da nossa formatura, quando pela primeira vez Gavião Peixoto foi incluída no programa de “estágio rural” do Departamento de Medicina Preventiva. Ninguém queria ir, até que a dupla Garde/Brigué foram escalados. Uma semana depois voltam resumindo: “- Um paraíso, povo agradável, pescaria, excelente comida na padaria, bebida a vontade por conta da casa e, pasmem no máximo 3 a 4 atendimentos por dia”. Segundo o Brigué os atendimentos incluíam o tratamento das crises de asma do Garde. Tava feita a propaganda, que foi mantida em sigilo, por nós que na hora da escalação das duplas sempre dois com a cara de quem estava partindo para o sacrifício...”Deixa que eu vou..)

No final do ano, a comunidade de Gavião Peixoto ofereceu uma semana de festas para todos que participaram do estágio rural. A nossa chegada foi gloriosa, com a caravana entrando soltando foguetes em grande quantidade, uma entrada digna do Timão entrando em campo. Fomos alojados no primeiro andar do posto de saúde que se situava na frente da casa do prefeito.

Pois bem, a semana passou totalmente etílica, grandes rodadas de “caxeta” e truço, “churras” todos os dias até chegarmos no sábado quando nos foi oferecido um baile abrilhantado pelo conjunto As Pedras Rolantes. Pena que o Mick Jagger deu os canos... Nessa noite, nas palavras do Pedro Bala aconteceu “a maior sacanagem que poderia ser feita com alguém...”



Por volta das duas da madrugada (o baile havia começado às 19:30hs) sobram no clube o Pedras Rolantes (desmontando a sua big band), o prefeito, Geraldo Tatu, Pedro Bala e eu (Ludô). Enquanto “proseávamos” o prefeito convidou-nos para terminarmos a noite comendo uma “ricotinha apimentada” com cerveja na casa dele (lembre-se que a casa do prefeito ficava e frente ao posto de saúde). Voltamos andando e o Pedro Bala não se conformou ao ver nosso alojamento com o primeiro andar todo apagado. Segue a narrativa sob a forma de diálogo.

- Seus bunda mole, vieram aqui pra beber ou pra dormir?? (repetido várias vezes, após o Geraldo Tatu ter subido)

- Pô Pedrão! Para com essa gritaria...Tamo numa puta ressaca. (Brigué)

- Não me conformo, vou acordar esses bunda mole...

Ouçõ o PB subir correndo as escadas de acesso (seguramente mais de 100 degraus), som do PB descendo as escadas correndo, seguido de uma torneira aberta...

- Ludô, a maior sacanagem que poderia ser feita para alguém !!!

- O que aconteceu? (em 6 anos nunca tinha visto o PB tão puto)

- Cheira aí!

- Quando cheirei quase vomitei: “É bosta...”

- Justamente, bosta na maçaneta, eu cravei a mão e pensei, não é possível... é graxa... nessa dúvida eu não conseguia largar a maçaneta, até que começou a sair nos vãos dos dedos... É bosta!!

Em nome da solidariedade dos bêbados peguei o estoque de foguetes do meu carro e iniciamos um bombardeio jamais visto em Gavião

Peixoto. O Prefeito a tudo assistia com as mãos na cintura. Só paramos quando o Brigué arriscou abrir uma janela e gritou:

- Pára!!! O Garde tá morrendo!! (O primeiro foguete estourou na janela da cama dele que assustou e entrou em broncoespasmo).

Resta o relato do planejamento da bosta aplicada à maçaneta e uma aposta em duas possíveis vítimas: Pedro Bala ou Ludô. Lembrem-se que deixaram o Tatu entrar. Decidido as possíveis vítimas seguiu-se a parte mais complicada: “Quem seria o autor da obra...” Ninguém conseguia, até que o Brigué se trancou em um dos quartos e, com toda a torcida, finalmente sai, gloriosamente, com a arma do crime em um papel higiênico e aplica, sob aplausos, na maçaneta... Existe uma versão que o Jorge Nassif entrou em estado de hiperemese quase desidratando.

No outro dia, na hora do almoço na padaria, o Pedro Bala passava a mão nos pratos e talheres de seus algozes.

## **PEDRO BALA E A MAÇANETA – UM CAUSO ESCATOLÓGICO VISTO DE DENTRO**

**Luís Carlos Cerveira (Brigué)**

Uns 12 colegas fizeram estágio rural em Gavião Peixoto, 2 de cada vez. Fui com o Garde. Durante 1 semana ficávamos hospedados em um salão grande no andar de cima do Posto de Saúde, a escada era pela

lateral externa do prédio. Terminado o estágio, fomos todos convidados a passar um domingo com o pessoal da comunidade como um sinal de gratidão. Teve recepção, futebol, almoço, apresentação folclórica e até baile de confraternização e despedida. Lá pelas tantas, quase todos resolveram ir dormir, menos dois, o Pedro Bala e o Ludô que ficaram nos chamando de bola murcha e que eles não iam deixar ninguém dormir e tal. O Jorjão então bolou uma pegadinha para os dois: vamos ver quem consegue "cagar" num jornal e recheiar a maçaneta do lado de fora da porta de entrada no topo da escada. Foi difícil, mas consegui e assim foi feito com o material colhido. Trancamos a porta e apagamos as luzes e ficamos aguardando no maior silêncio a chegada dos dois. Após 1 hora chegaram gritando e xingando, fazendo maior auê e dizendo que ia subir e acordar todo mundo. Escutamos os passos subindo a escada, um barulho vigoroso na maçaneta e a seguir um silêncio absoluto por alguns segundos e a seguir a voz do Pedrão aos gritos: graaaaxa, puseram graaaxa e mais 3-4 segundos e: é boooosta, é bosssta, filhos da P., Caralh..., vcs vão ver o que vai acontecer. Os dois ficaram lá em baixo gritando, xingando e soltaram vários rojões nas janelas até cansarem e gente morrendo de rir. Não podíamos abrir a porta, é lógico, então eles acabaram dormindo dentro do Opalão do ludô. Nem me lembro o que aconteceu nos dias seguintes, só sei que no outro dia o Pedrão toda hora vinha passar os dedos na cara da gente, Oh! cheiro ruim.

## PÉROLAS DO PLÁCIDO

**Pedro Tannous (Pedro Bala)**

Prova prática de titulometria na Físicoquímica, comandada pelo Prof. Laure, o terror do primeiro ano (1967).

Eu entreguei os cálculos junto com o Plácido.

Ele se dirigiu ao Prof. Laure, tecendo os maiores elogios como:

- O senhor foi o único professor, em toda a minha carreira estudantil, a ensinar titulometria corretamente, com sabedoria e didática;
- Fiz os cálculos até a quarta casa decimal, acho que fui bem, mas se errei, tudo bem, pois aprendi com o senhor;
- Agora, se o erro for mínimo, pode ser pelo preparo dos produtos, já que o Sr. Vieira (técnico do departamento) me disse que preparou no dia anterior.

Conclusão: Nota máxima, com louvor.

Prova escrita de Bioquímica, no 2º ano (1968), basicamente girava em torno do ciclo de Krebs.

Eu estava tranquilo, respondendo as questões.

Na última questão, o assunto era relacionado a Coenzima A.

Eu fiquei em dúvida, mas o Plácido descrevendo com segurança.

Dei uma olhada de leve: “Coenzima A é uma vitamina, e por ser vitamina é importante para o corpo humano, encontrada em alguns alimentos e deve ser ingerida em pequenas doses”.

Desanimei, a olhada foi em vão.

Prova de Farmacologia no 3º ano (1969).

Pergunta sobre algum mediador químico ou neurotransmissor.

O Plácido estava respondendo tranquilamente.

Dei uma olhadinha: “Conheço o assunto, a matéria foi muito bem dada, mas no momento não consigo concatenar resposta com a pergunta em questão”

Desisti.

Seminário de Clínica Médica no 4º Ano (1970), em grupos pequenos.

Apresentação e discussão de casos clínicos com a Dra. Isis(?).

Um dos colegas apresenta um caso de ICC e relata que o paciente melhorou o edema com diurético (Furosemide).

O Plácido fala rapidamente: “ótimo”.

A professora pergunta; “Por quê ótimo? ”.

Plácido: “Porque é um diurético cardíaco. ”

Professora: “Como??”

Plácido: “Bem, temos o coração. ”

Professora: “Como????”

Plácido: “Temos o rim. ”

Professora: “Bom, a aí? ”

Plácido: “Temos os glomérulos. ”

Professora: “Como? Nos glomérulos? ”

Plácido: “Temos os túbulos. ”

Professora: “Ufa!!!!!!”

## **CAUSOS” EXTRACURRICULARES DO BRIGUÉ**

**Pedro Tannous (Pedro Bala)**

O Brigué tinha um lema e seguiu ao pé da letra no período da graduação: “ NUNCA PAGAR EM EVENTOS, ESPECIALMENTE EM BAILES”.

Alguns exemplos:

### ***BAILE DO HAVÁÍ NO CLUBE REGATAS.***

Ele foi com o irmão do João Terra, que era sócio do clube, que foi guiando, com o Brigué, no porta-malas. O tráfico, na entrada, estava intenso, ele não suportou, pediu para abrir o porta-malas e o segurança percebeu, bloqueando a entrada do veículo.

Eles deixaram o carro, foram contornando a parte térrea do clube, sem sucesso, até chegar no rio Pardo, quando decidiram ir a nado.

Quando conseguiram acessar o recinto, a festa já havia encerrado.

Eles saíram pelo portão principal e o Brigué, todo molhado, provocou o segurança, informando que estava suado de tanto dançar.

### ***BAILE DE CALOUROS DO DIREITO UNAERP, NA RECREATIVA***

Eu e o Brigué estávamos enchendo a cara no Centro Acadêmico da Visconde (nosso querido e saudoso centro), com nosso traje típico, camiseta branca e calça jeans.

Decidimos ir ao baile, que era traje a rigor.

Fomos a pé, pois a Recreativa era muito próxima.

Procuramos os fundos do Clube, pois achávamos que o muro poderia ser baixo, mas não era.

O Brigué (quase anão) subiu nas minhas costas, conseguiu pular, eu fiz o mesmo em seguida, caímos numa quadra de tênis, os dois ralados.

Na sequência entramos na cozinha do clube, os funcionários questionaram a nossa presença e o traje, logo o Brigué mostrou os “arranhados” e informou que era “o grande tenista” da Recreativa e eu seu sparring.

Entramos no salão de baile, encontramos Ludô, Orsi, Scabello, Túlio, entre outros, todos de terno.

De repente, o presidente do Centro Acadêmico do Direito, sobe ao palco para anunciar a nossa inconveniente presença, solicitando a retirada.

O Orsi conhecia o “inimigo”, bateu um papo, ele voltou atrás da decisão. Ficamos no baile e não ganhamos nenhuma mulher

### ***BAILE EM SERTÃOZINHO (CIDADE MUITO PRÓXIMA À RIBEIRÃO PRETO)***

O Clube de Sertãozinho era famoso pelos bailes e chance zero de entrar sem pagar.

Eu e o Brigué decidimos arriscar, pegamos o seu carrão Gordini (62?) e fomos.

O clube era envidraçado, sem muros, só havia entrada principal que também era saída.

O pequeno Brigué esperou o intervalo musical, aproveitou seu tamanho e a muvuca na porta, colocou meio corpo para dentro e perguntou se precisava senha para sair, o porteiro garantiu que sim, mas estava sobrecarregado, logo o “grande” Brigué tomou a decisão de ficar dentro e entrou.

Tentei a mesma técnica, não funcionou, acabei dormindo no Gordini.

Coincidência ou não, a sacada do Brigué apareceu posteriormente no filme brasileiro “Os paqueras”.

## **ALEX, O ANTENADO**

**Pedro Tannous (Pedro Bala)**

No segundo semestre do último ano (1972), meus pais decidiram realizar um jantar árabe na minha casa, em Guará, para os amigos da XVI, com pratos típicos e música ao vivo.

A cidade de Guará se localiza no Km 400 da Rodovia Anhanguera, onde todos se conhecem.

Eu dei o endereço para a turma, embora muitos já frequentassem minha casa, principalmente nos dias de baile na cidade.

O Alexandre, que é um cara ligado, não levou o papel com o endereço, entrou na cidade, parou no primeiro bar, perto da Rodoviária.

O bar era do Budu, coincidentemente, pai do Toninho, que estudou na Filosofia e morou na república dos guaraenses, nos primeiros anos da Faculdade.

O Alex, perguntou:

- Onde mora a família Bala, aqui em Guará?

Budu: Não conheço nenhuma família Bala aqui.

Alex: Como o Sr. não conhece? O meu amigo fala pra todos da Faculdade que é o cara mais conhecido da cidade.

Budu: Qual o nome dele?

Alex: Pedro Bala.

Budu: Bala é apelido, o nome dele é Pedro Tannous.

Aí o Budu orientou o Alex. O homem levou 6 (seis) anos para descobrir o nome correto do amigo.



## VINHETAS 2

**Pedro Tannous (Pedro Bala)**

### **ASSALTO À REPÚBLICA**

Ano 1967, eu estava no primeiro ano da faculdade, morava na república dos guaraenses, Guará é a minha cidade de adoção, embora tenha nascido em São Paulo, meus pais foram residir em Guará, 2 (dois) meses após meu nascimento.

A república era na Rua General Osório, 1 (um) quarteirão da Av. Independência. Era frequentada por 2 (duas) “amigas”, a Lula, que também era de Guará, e a Lúcia Rhesus.

Nas férias de julho/1967, fomos para Guará e a casa ficou fechada.

Eu fui o primeiro a voltar às aulas, encontrei a “residência” um pouco bagunçada, não liguei.

Fui para a faculdade, notei o agito da galera em frente ao mural, onde estava postada a página policial do jornal “A Cidade” de Ribeirão Preto, com a chamada principal: “Mundanas assaltam república de estudantes”.

No descritivo da notícia estavam o meu endereço e a foto das duas “amigas”, segurando as fotos 3x4 dos “queridinhos” de Guará.

Elas alegaram, ao delegado, saudades da turma, como motivo da invasão.

## **CORAÇÃO APAIXONADO**

No 3º ano (1969), eu já morava na república do Túlio, rua Bernardino de Campos, perto do Hospital das Clínicas, que ainda era na cidade.

À noite, véspera de prova escrita de uma matéria do curso básico, ainda, no campus, apareceram o Lulo e o Bicudo (da XVII Turma), “mamados”, avisando que estavam indo para a praia no litoral santista, na mesma noite.

O Lulo suplicou para o Túlio realizar a prova dele também.

Inicialmente ele refugou, alegando ser impossível.

O Lulo garantiu que poderia dar certo, pois a professora era apaixonada pelo colega, informação verdadeira.

No dia seguinte, o Túlio conseguiu o feito.

## **DR. CERVEIRA E A HIPERCALCEMIA**

Prova teórica de Cirurgia Vasculuar no 5º ano (1971).

Prof. Cherry pergunta ao Brigué sobre complicações da tireoidectomia.

Ele respondeu de pronto: hipercalcemia.

Cherry: Dr. Cerveira!!!!, se o senhor responde hipoparatiroidismo, hipocalcemia, tudo bem; mas um aluno do 5º ano responder hipercalcemia é o fim da picada.

Brigué: Professor; responder hipocalcemia é muito óbvio, eu já penso no futuro.

Cherry: Como?

Brigué: O cirurgião, preocupado, prescreve cálcio e cobra dos assistentes, esses dos residentes, esses dos internos, que por sua vez cobram da enfermagem, a reposição do produto.

A cobrança é diária, e vai que a balança também está mal aferida, levará a hipercalcemia iatrogênica.

Cherry: Zero

Nota: O final desse caso para mim terminou com o Cherri dizendo: “Você está aprovado desde eu não tenha mais que ver a sua cara”

## **GRANDE MOTORISTA**

O amigão Julinho (saudoso Julio Voltarelli) começou a dar aula no cursinho, não sei se era o Cesar Lattes ou o Objetivo.

Ele comprou um Gordini, que era câmbio mecânico, ele, principiante, tinha dificuldade para dirigir, pois apresentava certo déficit motor (sequela de P.I.).

O cursinho abril filial em Bauru, e o Julinho teria que ir uma vez por semana dar aula lá.

Me convidou para dirigir o veículo, achando que eu era o Fitipaldi da XVI, embora eu não tivesse carro próprio durante toda a graduação.

O Gordini era muito econômico, mas refrigerado à água e consumia a mesma, exageradamente.

Saímos de Ribeirão após o almoço, perto de Pederneiras (terra do lulo), o carro ferveu, estacionamos, eu, entendido de mecânica, ao invés de esperar o motor esfriar e completar a água do radiador, me precipitei, joguei água fria, em cima do motor, a junta do cabeçote foi “pro saco” na hora.

Ficamos a pé, o veículo foi guinchado até Pederneiras, procuramos a família Baraúna, os pais do lulo nos receberam de braços abertos.

O Sr. Baraúna, muito influente na cidade, conseguiu um mecânico, que trabalhou até à noite, liberando o veículo.

O Julinho perdeu a aula e voltou com o grande motorista para Ribeirão.

## VINHETAS 3

**Luís Carlos Cerveira (Brigué)**

### **"O IULO FICOU FULO"**

Após noitada no Centro Acadêmico, eu e o Iulo emendamos até o amanhecer. Com fome, resolvemos tomar um litro de leite que estava na sacada de uma residência e faturamos um pão na traseira do furgão do padeiro. Saciados, lá pelas 6,30 hs, percebemos que estava na hora da prova de Bioquímica. Chegamos ligeiramente atrasados e sentamos nas duas últimas fileiras do anfiteatro da Genética, eu na frente e o Iulo logo atrás de mim. Se os colegas lembram, eram 100 questões de A a C e umas 10 folhas. O Iulo falou, deixa eu copiar de você, mas não consegui ler nem 10 perguntas e acho que não sabia nenhuma; então fui apenas chutando e colocando pontinhos com a caneta nessas 10 respostas, para posteriormente colocar o X, mas nem coloquei, porque passados uns 10 minutos, não aguentei e falei para o Iulo; vou entregar a prova e fui embora.

Quando saiu o resultado, o Iulo veio fulo da vida tirando satisfações porque ele tinha tirado 0,00 e eu 0,01, aí não teve jeito, tivemos que tomar mais algumas.

## **"TIRABOSCHI SAFADINHO"**

O Tiraboschi da CB, irmão da Norma, gostava de dar carona no "Dauphine" quando ia para a faculdade pela Via do Café; um dia descobri porquê. Numa dessas caronas, quando chegamos na subida até o prédio da faculdade, na altura da biblioteca, o "possante" não tinha força para subir, então ele pedia para o(os) carona(s), descerem e dar uma empurradinha. Ah!, safado.

## **"COELHO ASSADO"**

Alguém deu a ideia na República da Amador Bueno, arquitetamos uma estratégia e numa certa noite escura, lá pelas 21 hs, eu, a Lana, o Galvão, o PJ e o Marquinhos, fomos no "Gordine Bordeaux" em direção ao Biotério da FMRPUSP, pois o plano era descolarmos uns quatro coelhos gordinhos e virgens de experiências e manda-los assar em um restaurante ou padaria e depois come-los na Republica em companhia de umas meninas da Filosofia, ideia boa né. O plano "quase" foi perfeito; enquanto os 3 caçadores iriam sorrateiramente caça-los, eu e a Lana ficaríamos dando voltas pelo Campus para não chamar a atenção do guarda noturno. Demoramos muito, porque achávamos que não seria fácil raptar os bichinhos; porém, subestimamos os "especialistas" que foram ágeis e rápidos. O combinado era que eles ficariam nos esperando com os coelhos na porta do ginásio de esportes, mas como houve esse pequeno erro de cálculo, os três acharam que algo inesperado e fora do plano teria acontecido conosco ou que os

estávamos sacaneando, então resolveram soltar os 4 coelhos no campo de futebol e irem embora. Logo chegamos com o Gordine e fomos todos campear os coelhos soltos pelo campo. Só conseguimos recapturar dois, mas já estava bom porque eram bem grandes. Voltando pela Via do Café, com os dois comendo as minhas orelhas, alcançamos o PJ que tinha sido escalado para ir a pé buscar um taxi. Daí para frente, só deu "quase" tudo certo também, só que na noite de comer o assado e tomarmos garrafão de vinho, eu fui a pé, não sabia se dormiria na República ou não. Resolvi dormir em casa e enquanto caminhava pela rua, fui assaltado a mão armada perto do bosque (essa, é uma outra estória, longa, hilariante, mas com final feliz, basta dizer que o assaltante, um paraense menor que eu com 2 revolveres maiores que ele, só me levou uma moeda de 20 Centavos que era o que me sobrou depois do acerto de contas com os meninos após a festa e ainda fiz ele correr).

## **"QUEM PODE MAIS BEBE MAIS"**

Eu e o inseparável Ludô, não lembro porque, fomos convidados para uma festa em uma chácara a noite. Devia ter mais ou menos umas vinte ou trinta pessoas entre meninos e meninas, a maioria não me eram conhecidos. Sei que tinha 2 barris de chopp e nem lembro o que tinha para comer, talvez porque não interessasse muito. Eram 2 ambientes, em um ficavam as comidas e no outro o chopp. A festa estava boa e o chopp também e em certa altura, eu e o Ludô percebemos que o segundo barril já estava acabando, vai acabar e não vai ter mais, então bolamos que deveríamos esconder o barril; colocamos o barril vazio no

lugar do cheio e conseguimos leva-lo há uns 30 mts atrás de umas bananeiras e dessa forma ainda conseguimos tomar chopp por muito tempo, só nos dois, enquanto toda hora vinha gente querer encher o copo no outro barril, mas só escutava o barulho. Quando já quase tínhamos matado o barril, fomos descobertos e a festa foi transferida para o mandiocal, no meio do escuro. Nesta noite a Aldinha perdeu uma lente de contato e, no meio da escuridão, conseguiu encontrá-la

## **"QUEM GOZA, PODE E DEVE SER GOZADO"**

O Scabelo convidou para um churrasco rural perto de Araraquara. Lotamos 2 carros, um baita Mercedes do Carlito - era de Guaíra - acho que era da XVII Turma) e o meu velho Gordinzinho. Imaginem qual o Scafa escolheu para ir. Mandaram eu sair bem antes porque logo nos passariam. Meia hora depois, o Mercedes nos ultrapassou a toda velocidade dando " tchauzinho e gozando pra burro". Tinha chovido muito naquela noite, entramos em uma estrada de terra, como mostrava o mapa, e seguimos o percurso, até que em uma subida íngreme e curta lá estava a grande Mercedes empacada e derrapando com os cinco convivas cheios de lama, tentando aumentar o número de CAVALOS (ou bestas) do veículo para ver se conseguiam sair dali. Bom, passamos lentamente por eles e é logico com acenos e sorrisos sarcásticos e dissemos que a gente os aguardaria no rancho petiscando e tomando umas e outras. Quem ri por último, chega primeiro no churrasco. (Não lembro mais quais eram os colegas espertos e nem os trouxas)

## UMA HOMENAGEM A LUCINHA RHESUS

**Carlos Henrique Falcão Tavares (Mafinha)**

Dentro dos causos vou contar esse, que me foi passado por um amigo, que pertence à XVI e me liberou a divulgação, até pelo tempo que já se passou, e também porque o final não foi tão trágico...como poderia;

A Lucinha era uma negrinha, ou uma pequena afro descendente de acordo com as NPC = Normas do Politicamente Correto, muito serelepe – animada, que tinha o apelido de Rhesus, nem tanto pela semelhança, que todos nós temos, de alguma forma, com algum animal, mas mais pela habilidade que ela tinha em trepar...não em árvores.

Ela fazia parte de um contingente de garotas-mulheres que trabalhavam, muitas vezes até mesmo em repúblicas, nos serviços domésticos gerais latu sensu, ampliados-focados em atividades não tão domesticáveis stritu sensu. Ainda, algumas delas faziam hora extra nessas últimas atividades em outras repúblicas...sem cobrar;

Uma das peculiaridades da Lucinha é que ela era famosa por conseguir ter uma variabilidade de parceiros, tanto quantitativa quanto qualitativamente, muito grande. Além de, até pelo próprio treino, conseguir suportar, por exemplo, o peso e o tamanho não só corporal, mas de uma área específica, do Ricardão Hanna. Por tudo isso a fama dela;

Então meu amigo teve um encontro com ela na república do próprio Ricardo, onde morava também, na época o Galvão, que eu sempre



chamei de parceiro, pois fomos “companheiros” de dissecação de cadáver na anatomia. Companheiros entre aspas porque só ele, com toda minha permissiva omissão, dissecou;

Voltando ao meu amigo, o encontro foi à tarde, e daí, como acontecia nas repúblicas, se você trazia uma mulher, você tinha um certo tempo de intimidade-privacidade, pois muitas vezes você dividia o quarto com algum colega;

Como esse amigo teve um encontro à tarde, dentro do horário de aulas, teve uma disponibilidade de intimidade-privacidade bem elástica;

Ele conta que ficou muito feliz, até porque não tinha muita experiência sexual, na verdade muito limitada, ou melhor, a maior que ele tinha era consigo mesmo;

Então, a simpatia e alegria da Lucinha, eram estimulantes, além disso, a experiência dela com as preliminares, que incluíram um ardente contato com aquele corpo magrinho, mas sábio-sabido de dançarina-malabarista, naquela aconchegante cama foram enlouquecendo-o, e, quando chegou o momento de adentrar aquele corpo ...ejaculação precoce!

Daí ficaram os dois sentados conversando, sobre várias coisas, para disfarçar o frustrante clímax. Mas ela, com a sua já citada experiência, foi tentando acalmá-lo, e ele procurando se recompor. Daí, aquela estória: conversa vai, conversa vem, os dois ainda nus, ela querendo não perder a viagem, volta a se insinuar, ele na flor da idade, e toda aquela tentação cheia de experientes carinhos...começam de novo! Cada toque mais ardentemente excitante, e quando começa a penetração... De novo!?!?!

Então, pacientemente voltam a conversar, conversa vai, conversa ...vem uma grande fome, os dois se vestem e saem à rua, de mãos dadas pra comprar um lanche. Voltam pra república e comem calmamente... o lanche. E, se despedem alegremente...com muitas promessas.

No fim se fizeram muito bem, ao meu amigo por sentir-se potente e saber que era uma questão de tempo... de se acertar com o tempo, inclusive feminino, e pra ela que foi tratada como uma querida namorada por uma tarde.

Diz ele, que jamais se reencontraram, mas nunca mais a esqueceu.

## **ACERVO DE FOTOS**





























